O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 14 DE OUTUBRO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:306

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Os tumultos d'Evora.—Escandalo.—A administração no concelho de Goes.—José Henriques Ferreira de Carvalho.—Commissão Districtal.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Azeitão: Paço dos Aveiros em suas relações com a historia.—Assumptos historicos.—A mulher.—Carta de Goes.—Carta de Valle de Besteiros.—Secção litteraria.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

Os tumultos d'Evora

Ninguem de bom senso pode approvar as demasias d'um povo, nem os insultos a uma classe qualquer da sociedade, seja qual fôr a sua ordem hierarchica. Ninguem de bom senso pode applaudir o livre pensador que leva o seu desequilibrio mental a não admittir outras idéas se não as suas, e as suas estapafurdias theorias, que cahem todas pela base.

Se, pois, ninguem pode insultar seja quem fôr, e como fôr, nós, liberaes convictos, reprovaremos sempre todo e qualquer tumulto e estaremos ao lado da auctoridade que os reprima.

A lei auctorisa as representações tanto individuaes como collectivas, e é á lei que devemos recorrer e não a insultos a uma classe que é a primeira na ordem social.

Se o povo evorense, que é liberal por indole, que é pacifico e ordeiro, não queria lá os dois jesuitas, se é que o são, tinha o dever sagrado de os respeitar como sacerdotes, e não sympathisando com as suas doutrinas, nem querendo as suas cathequezes requer ao governo que os mandasse retirar, visto que a sua permanencia n'aquella cidade podia dar um resultado como deu.

Mas, perguntamos nós: As cathequezes, as predicas, as conferencias, ou o que em melhor direito canonico se deva chamar, são facultativas ou obrigatorias?

Se são facultativas, se não ha lei que nos obrigue a ir ouvir sermões, ou predicas, deixal-os, pois, aos missionarios, porque o progresso crescente da sociedade, o infallivel caminhar para esse grande festim da liberdade, não pode ser embaciado por as theorias ou praticas mais ou menos orthodoxas, mais ou menos liberaes.

Se nós profundassemos aqui a historia, veriamos que os conventos produziam melhores resultados á sociedade que as balas explosivas de Pallás, esse desgraçado que foi ha poucos dias passado pelas armas. Veriamos que os conventos eram mais uteis á sociedade que as theorias do socialismo, que o cantanolismo d'Alcoy e Carthagena; que o anarchismo, o nihilismo, e todas essas theorias que tem por lemma a morte, por dogma a destruição de tudo.

Se os conventos foram um fóco de politica ultra-liberal, nunca produziram os damnos que tem causado as grèves, a internacional e o anarchismo.

Não podiam existir os conventos com a liberdade?

Podiam. Assim como existem sociedades republicanas e miguellistas, que tem os seus orgãos na imprensa, que propagam as suas idéas, porque razão não podiam viver os conventos?

Não é n'um artigo de fundo que podemos desenvolver esta materia; o que agora nos cumpre é repellir essas demazias que se deram em Evora e que podiam custar a vida a muitos cidadãos.

Mas, a auctoridade, o commissario de policia d'alli, exorbitou? Em que? Em fazer respeitar a lei? Então foi desauthorado, apupado pelos gravoches da rua, e devia cruzar os braços e deixar-se insultar? Não concordamos, e estamos a seu lado, porque estamos ao lado da lei.

A auctoridade é a representante da lei, e a lei está acima de tudo. Sahindo nós d'este principio, a sociedade seria um paiz de barbaros, ou antes um covil de féras.

Fiquemos hoje por aqui, mas contem comnosco sempre que a lei fôr desprestigiada.

Escandalo

Tem este nome o que praticou o Supremo Tribunal Administrativo na sua ultima sessão, determinando a suspensão dos effeitos da sentença do honrado e intelligente juiz de direito de Coimbra—sentença que com muita justiça derrogou o accordão da commissão districtal.

Havemos de tratar esta questão com a seriedade que o caso exige. Hoje falta-nos tempo para isso.

O facto é novo n'aquelle tribunal, tão habituado a praticar actos de justiça.

O que faz a politica, Santo Deus!

A administração no concelho de Goes

O que se passa no concelho de Goes é verdadeiramente condemnavel.

Ao sr. governador civil do districto de Coimbra cumpre dar paz e ordem áquelle desditoso concelho, collocando alli uma auctoridade que se respeite e que possa ser respeitada.

A que alli exerce tão elevadas funcções chega a ser ridicula. E se não veja-se o que diz um cavalheiro imparcial d'alli, na carta que hoje publicamos. Aquillo não pode continuar assim, e esperamos que não continuará—que a auctoridade superior do districto, por decoro proprio, saberá remediar o mal que alli se dá.

JOSÉ HENRIQUES FERREIRA DE CARVALHO

IX

Em aditamento ao que disse a *Revolução de Setembro* sobre a homenagem de todos os partidos prestada a Vieira de Castro por occasião do seu enterro, pode-se accrescentar o que disse tembem o *Nacional*, e que é o seguinte:

> «Teve logar hoje o funeral do sr. Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro. O officio de corpo presente começou ás onze horas, e acabou ás duas.
>
> A pompa d'este acto, posto que n'ella se esmerassem as pessoas que se encarregaram de preparar este ultimo officio, foi eclipsada pela sincera melancolia que se divisava nos semblantes de todos os presentes, e pelas lagrimas que abundantemente correram de muitos olhos.
>
> N'isso não houve distincção de partido.
>
> Não obstante o logar tão remoto em que fica a egreja de S. Sebastião, a concorrencia foi numerosissima, e composta de cidadãos de todas as classes, sem excepção alguma.
>
> Dos ministros actuaes assistiu só um.
>
> Findo o officio, lavrou espontaneamente por entre os concorrentes a idéa de conduzirem o caixão a braços desde a egreja até o cemiterio; mas a excessiva distancia entre os dois logares tornava impossivel esta prova de consideração.
>
> Foi em consequencia levado o caixão até o sitio da Boa Morte n'um coche da Casa Real, que para isso fôra mandado, na fórma do que se costuma praticar com os ministros de Estado honorarios.
>
> A' Boa Morte foi o caixão descido do coche, e d'ahi conduzido, até o logar do ultimo descanço, pelas principaes pessoas que acompanhavam o prestito, successiva e repetidamente revesadas, por ser ainda muito longe d'áquelle sitio aos Prazeres
>
> Um destacamento de lanceiros seguiu o funebre cortejo, e no cemiterio estavam postados dois batalhões de infanteria e quatro peças d'artilheria para as salvas respectivas.
>
> Por toda a cidade tem sido motivo de tristeza a falta d'um homem geralmente estimado, considerado como zeloso servidor do seu paiz e do seu partido, e ao mesmo tempo como um orgão poderoso de conciliação.
>
> No meio da sua magoa consolam-se os amigos, e consolar-se-hão os parentes, por verem as demonstrações tão unanimes de respeito que hoje recebeu a memoria de um homem de bem.
>
> A virtude achará n'ellas um estimulo. Todos os individuos bem formados de sejam que, depois de findos os seus dias, o seu nome seja proferido com termos de veneração.
>
> S. M. El-Rei encontrou fortuitamente o prestito e pôde assim presenciar o modo como é julgado depois da morte o antigo Ministro de Rua Augusta Esposa.»

Pedimos licença ao nosso illustrado amigo o sr. Martins de Carvalho, para discordarmos de s. ex.ª em dizer que José Joaquim Gomes de Castro foi sempre intimo amigo de Costa Cabral.

De Gomes de Castro pode-se dizer o que s. ex.ª com inteira justiça disse de Vieira de Castro, isto é, esteve sempre no mesmo campo politico desde que entrou na vida publica até 20 de maio de 1842, em que deixou as cadeiras do poder conjunctamente com Costa Cabral. Gomes de Castro foi sempre *cartista* e o mesmo, como s. ex.ª sabe melhor do que eu, não se pode dizer de Costa Cabral.

Pergunta o sr. J. Lemos onde estava Vieira de Castro em 1839 a 1842.

A resposta dar-lh'a-ha Garrett que escreve:

«Vieira de Castro era dos que sentiam a belleza, mas lamentavam a impossibilidade do systema que andou alcunhado de *ordeiro*, e que não foi nem pretendeu nunca ser mais do que a applicação a Portugal do que hoje prevalece em todo o mundo civilisado. Entendia elle que o partido popular, por quem fôra elevado, tinha direitos imprescriptiveis á sua fidelidade, ainda reprovando, como reprova, e talvez por isso mesmo que reprovava os excessos que em seu nome se haviam commettido.

Presistiu n'essa opinião que podia ser errada, mas nunca deixar de ser nobre; e, levado pelo circulo eleitoral de Guimarães á camara de 1839, ahi faz urbana mas decidida opposição ao governo.

. . . .

Dissolvidas as côrtes em 25 de fevereiro de 1840, a ascendente preponderancia da direita da camara, auxiliada dos meios do governo, excluiu da eleição quasi toda a esquerda, e quasi annullou portanto, virtualmente, o centro. Pela primeira vez, desde a Restauração, Vieira de Castro deixou de entrar no parlamento; viveu retirado de todos os negocios publicos, estimado e frequentado de seus numerosos amigos em todos os partidos, até que os espantosos, mas muito esperados, successos de janeiro de 1842, vieram suscitar todas as suas energias politicas e violentado—muito violentado, porque o unico desejo e ambição da sua alma era o repouso da sua vida privada—violentado, repito, a acudir pelo que entendeu ser obrigação de sua honra, tomando parte activa nas cousas publicas.

. . . .

Não havia, pois, no animo de um verdadeiro liberal, como era Vieira de Castro, repugnancia de principios á Carta, que elle tanto tinha defendido e pela qual tanto se sacrificára. Mas detestava, como homem leal e honrado, a perfidia e deshonestidade dos meios porque fôra trazida uma reacção sem objecto possivel mais que o interesse de poucos e obscuros intrigantes, especuladores na credulidade de alguns descontentes, cujos impossiveis desejos lhes prometteram *faceis e promptos.*

. . . .

Começaram os trabalhos eleitoraes no principio do verão, quando elle com tanto gosto e empenho projectava uma digressão por Inglaterra e França, em que razoavelmente esperava descançar o espirito e restabelecer o corpo; mas teve de fazer o sacrificio d'este seu tamanho gosto ás conveniencias politicas, ao alto logar de confiança que no seu partido occupava e que por suffragio universal toda a opposição lhe deferiu.» (*Obras do Visconde d'Almeida Garrett*, tom. XXIII, pag. 452 a 458.)

A «versatilidade» de que J. Lemos accusa Vieira de Castro, define a assim o mesmo Garrett:

«Nos conselhos da rainha nunca se esqueceu de que tinha sahido das fileiras populares; nas assembleias da nação nunca se esqueceu de que era conselheiro da corôa. Na côrte, onde a sua presença foi sempre acceita á soberana, as suas palavras prudentes e medidas, o seu porte modesto sem acanhamento, livre sem demasias, lhe conciliaram em breve o respeito, quando não a affeição, de todos. No conselho, o seu voto foi sempre dado com inteireza, sem lisonja, mas com brandura. No gabinete de seu despacho, a imparcialidade, a justiça e o espirito da conciliação presidiram constantemente.» (Obra citada, pag. 442-443.)

MARQUES GOMES.

Commissão Districtal

SESSÃO DE 12 DE OUTUBRO DE 1893

Presidencia do vice-presidente sr. dr. Ladeira de Castro. Presentes o vogal effectivo sr. José Pereira Junior, e o vice-secretario sr. João Bernardo Ribeiro Junior. Faltaram o ex.mo presidente sr. conselheiro Manuel Firmino, e o secretario sr. dr. Marques Mano, sendo aquelle por motivo justificado.

Approvou o 2.° orçamento supplementar da camara municipal d'Aveiro, e o 1.° orçamento supplementar da camara municipal de Estarreja para o corrente anno.

Approvou as posturas da camara municipal d'Anadia, constantes da acta da sua sessão de 9 de setembro ultimo.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

São ainda as noticias do Brazil as que mais prendem a attenção publica, mas d'alli não vem nada que signifique ter a questão chegado ao seu termo. Nem chegou, nem se sabe quando chegará, nem como chegará. Problema difficil de resolver. Os ultimos telegrammas dizem o que vae lêr-se:

Londres, 13.—Dizem de Montevideu ao *New-York Herald* que, segundo noticias do Rio de Janeiro, dous batalhões da guarda nacional juntaram-se aos rebeldes, e suppõe-se que se propagará a desaffeição ao marechal Floriano.

O almirante Custodio José de Mello está inactivo, faltando-lhe provisoriamente munições.

A revolução no Rio Grande do Sul ganha terreno; os rebeldes estão cercando Livramento.

Rio de Janeiro, 12.—Nenhuma mudança de situação. Tem havido fogo irregular entre os navios e os fortes.—*(Havas).*

E' opinião nossa que se um movimento mais importante não apparecer, sem demora em terra, a revolução terá de ceder.

CARTA DE LISBOA

13 DE OUTUBRO DE 1893.

Ainda não cessaram de todo os boatos de crize. E a este respeito attribue-se uma grande importancia ao conselho de ministros que deve ter logar ámanhã, pois que os ministros estão agora todos em Lisboa.

— Continua a fallar-se d'um emprestimo que o sr. conde de Burnay anda tratando por ordem do governo. Talvez não seja isso, aquillo de que o intelligente titular tem andado a tratar pelo estrangeiro.

— Está finalmente resolvida a questão ventilada entre a Companhia Real dos caminhos de ferro portuguezes e o empreiteiro Bartissol, ácerca dos trabalhos do tunnel da Avenida, em Lisboa. A resolução foi por meio d'arbitragem. A Companhia, desejando compensar o trabalho dos respectivos arbitros, srs. conselheiros José Luciano de Castro, Julio de Vilhena e Oliveira Martins, enviou a cada um d'elles a quantia de dois contos de réis. O sr. conselheiro José Luciano, porém, com a isenção tão characteristica do seu levantado caracter, recusou aquella quantia, devolvendo-a. Actos d'estes não se commentam: narram-se apenas, e fica a gente satisfeito quando, no centro d'este meio corrompido, apparecem homens d'este tomo.

— De toda a parte chegam representações contra a introducção, no paiz, de vinhos hespanhoes. A provincia da Extremadura não fica atraz das provincias do Minho e Douro. Dos pontos principaes chegam, como digo, representações protestando contra a idéa. Torres Vedras, que é um centro vinicola importante, tambem representou reunindo-se para isso, e a convite da camara, milhares de pessoas.

— O illustre chefe do partido progressista está actualmente na Figueira, devendo seguir d'alli para a capital, onde os seus amigos o esperam com anciedade, pois que de todos é devidamente querido e respeitado.

— O nosso muito presado amigo sr. dr. Barbosa de Magalhães chegou bom, sendo logo procurado por muitos dos seus clientes a quem estava fazendo differença a sua demora ahi. Sua ex.ma esposa e filhinhos chegaram tambem bons.

— A Lisboa continuam a chegar as familias que tinham sahido para banhos e para o campo. Dentro de pouco a reanimaçao social e politica tomará aqui o seu logar. Disposições para fazer politica activa vêem-se em muita gente. Parece a muitos pouco acreditavel que este marasmo em que se tem vivido, politicamente, persista por muito mais tempo. E' mesmo pouco de crêr que isso succeda.

— O supremo Tribunal Administrativo funccionou hontem e resolveu os seguintes negocios:

Concedeu suspensão do recurso da commissão districtal de Coimbra sobre arrematação de impostos da camara da Figueira.

Deu provimento aos recursos do tribunal administrativo de Bragança sôbre a contribuição industrial, sendo recorridos Pedro Salgado Ferreira, Margarida Candida Fidalgo, Antonio Firmino Affonso Freixo Chiquinha, de Vimioso, Antonio Joaquim Rodrigues, de Alfandega da Fé, Mila Paradinha e Baptista Ramos, de Macedo de Cavalleiros. Idem do tribunal administrativo de Vianna, sendo recorrido o padre Moura e outros. Idem do tribunal de Vizeu, recorridos José do Patrocinio e Miguel Antonio, de Penedono, Dias Figueiredo, de S. Pedro do Sul, e Marcellino Cardoso, de Vizeu. Idem do delegado do thesouro de Villa Real, sendo recorrido Fernandes Jaco, de Boticas.

Negou provimento aos recursos do escrivão de fazenda de Villa Verde, recorridos Silva Simão e Margarida Exposta. Idem do tribunal de Bragança, recorrido Camillo de Mendonça, de Carrazeda de Anciães, e ao recurso de Fernandes Cruz de Gaia.

No meu parecer e no parecer de muitas pessoas competentes, o tribunal andou mal no caso da Figueira. Suspendendo os effeitos da sentença do honrado juiz de direito de Coimbra, o tribunal sahiu das formulas alli uzadas, e commetteu uma infracção de lei pois que a suspensão, segundo o decreto expresso só podia ter logar no caso de haver para o reclamante perda irreparavel. Ora esse caso não se dava e por isso a suspensão importa um arbitrio que não havia razão para esperar. O facto, porém, explica-se—porque a camara interessada no esbulho do direito dos arrematantes é regeneradora, e o relator do processo é o sr. Telles de Vasconcellos, o espirito mais terrivelmente faccioso que tem assento em tribunaes portuguezes.

— O sr. Bento da França, actualmente capitão do 4 de cavallaria e ajudante d'ordens do sr. ministro da guerra, foi agraciado com o habito de São Thiago, que tão justificadamente recebeu, pois que o illustre agraciado é um cavalheiro distinctissimo e um escriptor primoroso.

— O sr. Adolpho Loureiro vae publicar uma memoria sobre os trabalhos das obras do Tejo, que deixou de dirigir. De mais será dizer que este trabalho é esperado com anciedade.

— Chamado pelo sr. ministro das obras publicas veio aqui o sr. Mello de Mattos, chefe da secção hydraulica d'ahi. Veio para apresentar ao sr. Bernardino Machado o projecto das obras mais urgentes a fazer, obras que se calculam em 7:000$000 réis. O sr. ministro mandou ordem para réis 2:000$000 e o resto para os 7:000$000 réis irá indo em conformidade com o dispendio que se fôr fazendo. E' o que o sr. ministro affirma.

— Ainda não terminaram as diligencias para descobrimento completo dos ladrões das obras publicas. Tambem não se chegou ainda ao ponto culminante do caso. Diz-se que ha um medalhão sobre quem pezam graves responsabilidades, mas por emquanto o nome occulta-se. Ha-de chegar-se até elle, ou até elles, se fôr mais que um, mas por emquanto é segredo que não transpira. Os architectos e mestres d'obras, já sob a acção da policia, vão ser enviados, talvez já ámanhã, para juizo.

— Foi já assignado o regulamento para a execução da lei de julho passado, a respeito dos preparados cupricos para o tratamento das vinhas. Ficam isentos de direitos d'importação o sulfato de cobre, amonureto de cobre, acetato basico de cobre e preparados cupricos, pulverulentos. A importação d'estas substancias será feita só pelas alfandegas de Lisboa e Porto. Os agronomos do districto devem fazer a fiscalisação da venda dos preparados cupricos não permittindo o despacho livre de direitos se as substancias forem improprias para o tratamento contra o mildew.

— O sr. ministro das obras publicas estuda o modo de rescindir os contractos para empreitadas de estradas, passando os trabalhos a ser feitos sob a gerencia das obras publicas dos districtos, sendo executados conforme as forças do orçamento.

— Parece que o sr. arcebispo de Evora volta hoje para a sua diocese. Oxalá que novos conflictos não venham perturbar a paz, tanto do illustre prelado, como a d'aquelle bom povo,

— O governo não concedeu á Misericordia d'essa cidade subvenção alguma. O que fez foi mandar-lhe pagar parte da indemnisação que lhe devia pelo desfalque, que em vista do imposto do rendimento soffreu nas suas receitas. Isto é mais nada.

— O sr. Corrêa Leal, inspector de fazenda, foi hoje para os districtos do norte em serviço.

— O sr. conselheiro Telles de Vasconcellos partiu para a Guarda. Depois da grande injustiça que praticou, propondo a suspensão da sentença do honrado juiz de direito de Coimbra, na questão da facciosissima camara da Figueira, o illustre membro do supremo tribunal administrativo precisa descançar de corpo e de espirito. Para a consciencia decerto não encontrará repouso. O remorso pela offensa de lei que praticou, ha de acompanhal-o sempre, porque a injustiça foi flagrantissima e iniqua mesmo.

— O sr. Daniel da Silva Ribeiro, consul de Portugal no Rio de Janeiro, acaba de requerer a sua aposentação.

— O Chico Russo, que deu a pancada no jornalista republicano, sr. Alves Correia, foi hoje condemnado em 160 dias de prisão, 50 de multa a 300 réis, custas e sellos do processo. O reu appellou e pagou para ficar em liberdade prestou fiança de 50$000 réis.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Como dissémos, partiram na quinta-feira passada para a sua casa de Lisboa, o nosso presado amigo e collega, sr. dr. Barbosa de Magalhães, sua ex.ma esposa e filhinhos. A' *gare* foram despedir-se de suas ex.as numerosos amigos do sr. dr. Barbosa de Magalhães.

— Já regressou tambem da praia de Nazareth, á sua casa de Santarem, o nosso muito considerado amigo e perfeito homem de bem, sr. José Avelino Rodrigues Vidal.

— Tambem regressou ha dias da Beira, com sua ex.ma esposa, onde foi visitar sua virtuosa mãe, o nosso patricio e amigo, sr. Francisco Antonio de Moura, caracter honestissimo e cavalheiro que dispõe dos mais apreciaveis dotes sociaes.

— Regressou da capital, onde foi em serviço, o sr. José Maria de Mello de Mattos, digno encarregado d'esta circumscripção hydraulica. Consta que trouxe ordem para dispender já réis 2:000$000 na restauração dos redentes da margem de S. Jacintho.

— Deu á luz uma robusta creança a virtuosa esposa do nosso amigo e digno escrivão e tabellião da comarca de Ovar, o sr. Frederico Abragão.

— Passaram hontem n'esta cidade dois Irmãos de S. João de Deus, que nos pareceram hespanhoes. Eram dois rapazes novos. O seu endereço era o seguinte:

> «O SUPERIOR E IRMÃOS DE S. JOÃO DE DEUS imploram a caridade para seus irmãos enfermos, offerecendo sua casa.—Quinta do Telhal—Sabugo.»

Aqui não nos consta que esmolassem.

Visitantes.—Ante-hontem veio a esta cidade uma *troupe* composta de mais de 20 cavalheiros e senhoras de Espinho, que foram em excursão á nossa ria.

Solemnidade religiosa.—Realisa-se ámanhã, com a costumada pompa, na egreja de S. João Evangelista (Carmelitas), a festividade de Santa Thereza de Jezus. O panegyrico da grande doutora da Egreja é feito pelo illustre orador sagrado, o sr. conego Alves Mendes, incontestavelmente o vulto mais proeminente do pulpito portuguez.

A festividade começa ás 10 horas da manhã.

A festa ao Santo Amaro.—Apesar do mau tempo, foram imponentes os festejos em honra de Santo Amaro, na Costa Nova do Prado, no sabbado e domingo proximos passados, promovidos e realisados a expensas, unica e exclusivamente, do nosso respeitavel amigo e erudito escriptor, sr. Carlos de Faria.

No sabbado houve fogo preso, do ar, balões aereostaticos, uma linda illuminação, duas muzicas e entremez, subindo á scena as comedias em 1 acto *Um noivo d'Alcanhões*, *Os dois sachristas*, *O diabo á solta*, e a cançoneta *Um golpe d'ar*, agradando muito.

No domingo festa de egreja, não saindo a procissão, em consequencia do mau tempo. A' noute repetiram-se os mesmos festejos da vespera, tocando alternadamente as mesmas philarmonicas, e reinando sempre a melhor ordem. Apesar da chuva que cahia, era impossivel o transito em frente do palheiro do sr. Carlos Faria e proximidades, onde tiveram logar os festejos.

Na segunda-feira de manhã tocaram as duas muzicas á porta da residencia de s. ex.ª, sendo-lhe por essa occasião levantados enthusiasticos vivas, bem como a sua sympathica e respeitavel familia.

E assim terminou aquella festa, devida ao sr. Carlos de Faria, um dos caracteres mais nobres e altamente generosos que conhecemos.

A quem compete.—Consta-nos que a policia tem infligido maus tratos ao rapaz accusado dos roubos feitos na rua do Gravito. Affirmam-nos que o rapaz tem sido cruelmente espancado, e que tem d'isso signaes evidentes pelo corpo.

Pedimos a quem compete que trate de averiguar o caso, que sendo verdadeiro é punivel. Precisa a policia saber—a policia que abusa—que estamos em terra civilisada onde desacatos d'esta ordem não se toleram.

Pedimos a quem compete que proceda já ás devidas averiguações para a punição chegar a quem a merecer.

Não é verdade.—Não é exacto que o governo concedesse qualquer subsidio á Misericordia d'esta cidade. Apenas lhe mandou pagar parte da indemnisação que lhe deve pelo desfalque que em virtude do augmento do imposto de rendimento soffreu nas suas receitas, o que está fazendo a outras misericordias.

Barcellos e Agueda—1642-1892.—O nosso estimavel collega, *A Soberania do Povo*, conta o seguinte facto:

> Na *opipara* conferencia que o sr. Dias Ferreira fez no Centro Commercial do Porto, ha um episodio d'historia politica do mais alto interesse, e que explica a nossa epigraphe. Historiando o nosso regimen parlamentar *ab ovo* e n'um estudo comparativo muito honroso para Portugal, que precedeu todas as nações europeas no systema representativo, contou o sabio conferente o seguinte facto, para demonstrar a independencia com que se devem fazer as eleições: Em 1642 veio ordem de Lisboa ao Corregedor para proceder em Barcellos á eleição de dois deputados ás cortes, e n'ella ensinuavam-se já os nomes dos deputados que eram da capital. Eram só uns quarenta os eleitores, tirados do clero, nobreza e povo, predominando este. Marcado o dia das eleições e feita a nomeação pelo Juiz de Fóra ou da «vara branca», como se lhe chamava tambem, leu este o officio de Lisboa e os nomes dos candidatos que de lá vieram recommendados.
>
> «Ora sabem os srs. o que fez a assembleia dos *quarenta* eleitores de Barcellos? Sabem? Votou em dois homens bons da villa, e nenhum dos impostos pelo governo foi eleito!»
>
> «Ora bolas, diz um sujeito lá d'um canto da sala, ainda o anno passado isso se fez lá em Agueda».
>
> Garantimos a veracidade do caso.

Por esta não esperava por certo o grande *sabio*. Se viesse para aqui havia de ouvil-as ainda mais bonitas, acredite.

Centingentes de 93.—A commissão do recrutamento d'este concelho, deve proceder hoje á subdivisão dos contingentes para o serviço militar do anno corrente.

Rapto.—Houve ha dias em Espinho, um rapto curioso. Quando seus paes estavam na assembleia, a menina, que era muito vigiada, teve de ir compor a sua *toilette*, e n'este entrementes desappareceu. Procurada logo, foi encontrada com seu amante n'uma casa d'Oliveira d'Azemeis, para onde se haviam transportado em carro previamente preparado para a fuga. Do successo dizem-nos o seguinte:

> Confirmam-nos a noticia que brevemente se realisa o casamento da menina que foi raptada em Espinho. Os dois fugitivos foram capturados n'uma casa abandonada de Oliveira de Azemeis onde pernoitaram, e d'alli levados sob prisão, para Espinho. Ella foi entregue aos paes, e elle ficou detido na esquadra policial d'alli, até que se realise o consorcio que devia ter logar na quinta-feira ou sexta-feira. No domingo, n'um dos aposentos do Hotel do Porto, onde os paes da raptada se acham hospedados, foram lavradas as escripturas nupciaes e assignadas pelos noivos. A fortuna dos paes da noiva calcula-se em 600 contos. Aquella, apesar de apenas contar 14 annos, é já d'uma constituição bem desenvolvida. E muito formosa, testa alta, olhos negros e inquietos e a bocca sempre entreaberta n'um sorriso encantador. Tem uma irmã já casada. O noivo é um rapaz de maneiras distinctas, pertence a uma estimadissima familia de Lisboa, uza do appellido de Ximenes, é neto do visconde de Pinheiro e aparentado com a casa Castello Melhor.

Naufragio.—Contam da Torreira, uma das praias proximas, que João Frocho, de 20 annos, conduzin, com dous irmãos seus, pela nossa *ria*, *um barco carregado de moliço*, quando no sitio denominado a Varella, o infeliz cahiu á agua. Em seu soccorro foram logo tripulantes de outros barcos, mas quando o tiraram da agua já era cadaver.

Desastre e morte.—No Monte da Murtoza, concelho de Estarreja, d'este districto, tres homens abriam um poço, juntando em cima, em volta da abertura, toda a terra e lama que vinha de baixo. Antes de concluirem o trabalho, tudo desabou com o pezo, ficando aquelles tres desgraçados soterrados. Quando os retiraram, conservava-se um d'elles ainda com vida e outros dois eram já cadaveres. Deixam viuva e filhos, ambos elles.

Trabalho de pesca.—Com muita difficuldade as companhas das differentes costas poderam ir antehontem ao mar, pescando rasoavelmente, pois que, companha houve, que tirou do mar 550$000 réis. Outras muito menos, mas todas pescaram alguma cousa. Hontem o mar fez-se bom e houve trabalho em todas as costas, mas menos productivo. A companha que mais pescou teve apenas 375$000 réis, n'um lanço da manhã. As outras muito menos, mas sempre sardinha e boa. Os lanços da tarde deram para as companhas que mais pescaram cerca de 50$000 réis. Outras nada tiveram. A sardinha de hontem está no mercado por 2$500 réis o milheiro. Hoje o mar é bom e estão a trabalhar.

Movimento.—O sal tem tido mais sahida pelo caminho de ferro.

Peregrinação.—Prepara-se uma nova peregrinação a Lourdes, peregrinação que deve estar alli a 8 de dezembro.

A Biblia Illustrada.—Está agora concluido o 2.° volume e acha-se a caderneta 18 em distribuição. Brevemente estará brochado e encadernado para corresponder ao 1.° volume na mão dos srs. assignantes.

Para preços e informações, dirigir á empreza da *Biblia Sagrada Illustrada*, rua do Mousinho da Silveira, Porto.

Noticias de Caminha.—Em 11.—Chegaram hoje a esta villa e seguiram logo para Ilhavo, os dois sobreviventes do naufragio do *Valladares 4.°* que são Manuel Marques, filho do capitão, e João Salgado. O *Valladares 4.°*, corrido do temporal e quasi sem pannos, naufragou nas ilhas Cies, proximo da bahia de Vigo, ficando completamente destroçado. Pereceram 4 tripulantes que era o capitão José Marques, Edmundo de Paula, Antonio Feiteira e Antonio Brigido. Aquelles dois, sendo arremessados sobre os penhascos soffreram largas escoriações. Vão ainda tratar-se dos ferimentos que receberam. Triste vida!

Egrejas a concurso.—Está aberto concurso para o provimento das seguintes egrejas parochias:

De Santo Estevão de Guetim, concelho de Villa Nova de Gaya.

Santa Maria de Covello, concelho de Gondomar.

Santa Maria de Medas, concelho de Gondomar.

Santa Maria de Teixeiró, concelho de Baião.

S. Martinho de Espiunca, concelho d'Arouca.

S. Verissimo de Lagares, concelho de Felgueiras.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

O presbytero Antonio Baptista da Costa Rebello—apresentado na egreja de Valões, diocese de Braga.

O presbytero Antonio Candido Pereira Machado—apresentado em S. Vicente do Bico, diocese de Braga.

Antonio Porphyrio Rodrigues—apresentado na egreja da Balança, diocese de Braga.

Domingos José Esteves—apresentado na egreja de Taboaços, diocese de Braga.

Francisco Antonio Costa—apresentado na egreja de Aldeia da Ribeira, diocese da Guarda.

Francisco Germano Saraiva da Rocha—apresentado na egreja de S. Romão, diocese da Guarda.

Francisco José de Souza—apresentado na egreja de Cepellos, diocese do Porto.

José Antonio de Barros e Castro—apresentado na egreja de Guilhadezes, diocese de Braga.

José Bernardo de Azevedo Araujo e Gama—apresentado na egreja de Friastellos diocese de Braga.

José Augusto Esteves de Carvalho—apresentado na egreja de S. Pedro de Narez, diocese de Braga.

José Ferreira Ribeiro—apresentado na egreja de Santa Lucrecia, diocese de Braga.

Luiz Antunes Alexandre—apresentado na egreja da Faia, diocese da Guarda.

Manuel Antonio da Cunha—apresentado na egreja de Villa Chã, diocese de Braga.

Acceita ao presbytero Francisco Domingues, a desistencia da egreja de Verreiros e aprentado n'esta o presbytero José Joaquim Gonçalves de Almeida.

Acceita ao presbytero Joaquim Ferreira de Freitas, a desistencia da egreja de S. Sebastião de Guimarães.

Despachos judiciaes.—Verificaram-se os seguintes:

Dr. Annibal Correia Taborda, juiz de direito da comarca de S. Jorge, transferido para Ourique.

Fernando Guilherme Pimenta, exonerado, como requereu, do cargo de substituto do juiz de Beja.

Manuel José Mont'Alva, exonerado do cargo de 1.° substituto do juiz de Mirandella.

José Antonio Nunes Andrade, nomeado para servir no corrente anno o cargo de 1.° substituto do juiz da comarca de Mirandella.

Antonio Francisco Guerreiro Marquez, exonerado de 2.° substituto de Ourique.

Albano Lucio Lima, exonerado de 2.° juiz da Pampilhosa.

Manuel Rodrigues Pinto, exonerado de 1.° substituto, de Pombal, e nomeado para esse logar, Acacio Madeira Leitão.

Adelino Barreto de Carvalho, nomeado conservador privativo do registro predial de Elvas.

Antonio Maria Fructuoso da Silva, nomeado sub-delegado do procurador regio em Faro.

João José d'Almeida Vidal, escrivão e tabellião em Gouveia, transferido, a seu pedido, para a comarca de Oliveira d'Azemeis.

Armando de Souza Andrade, nomeado escrivão em Gouveia.

Adelino Pereira Simões Lima, escrivão na Horta, substituido, por motivo de doença, sendo nomeado para esse logar José Cypriano da Nobrega.

Daniel Ferreira Leal, exonerado de juiz da paz de Aguiar, comarca de Matra.

José Casimiro Pinto, idem de Santa Maria de Zezere.

Um crime em Setubal.— No domingo á noite, em um café de *camareras* que ha em Setubal, na Rua de Antão Girão, estavam diversos freguezes abancados ás mezas, bebendo e galanteando as hespanholas que os serviam, e a quem lançavam olhares amorosos, como é das praxes.. De repente vê-se entrar uma mulher, de navalha em punho, que corre para uma das mezas, onde estava uma elegante *camarera* bebendo com um individuo. A mulher da navalha precipita-se sobre a hespanhola e vibra-lhe um golpe á cara, que lhe rasga a bocca até junto da orelha. A mulher dispunha-se a proseguir na sua obra de chacina, mas os criados e os outros freguezes correram sobre ella e desarmaram-n'a a tempo de evitar maior estrago. A mulher da navalha chama-se Maria das Neves e é uma *cocote* barata de Setubal; o freguez que estava em colloquio com a *camarera* é o seu mais que tudo. Está explicado o motivo do crime. Maria das Neves foi presa.

O principe D. Augusto de Saxe.—Affirmaram alguns jornaes estrangeiros e tambem o telegrapho que o principe D. Augusto de Saxe embarcára em Panillac em direcção ao Brazil, sendo pouco depois desmentida esta noticia. Segundo uma folha de Vienna, o principe D. Augusto de Saxe está actualmente em Pola, ao serviço da marinha austriaca, e seu irmão mais novo, o principe Luiz em Innsbrack, como tenente de caçadores a cavallo. Em Vienna crê-se que se algum principe partiu para o Brazil, deve ter sido um dos filhos da condessa d'Eu.

Hespanhoes e marroquinos.— Dizem de Madrid que reina grande actividade no ministerio da guerra por causa dos acontecimentos de Melilla, procedendo-se á organisação das tropas que hão-de marchar para alli. Na Andaluzia estão dispostos a marchar 10:000 homens, tendo-se ordenado á administração militar que prepare todos os elementos necessarios para o acampamento d'aquellas forças por não haver em Melilla quarteis para tanta gente. De Cadiz partiu o regimento de Alava com direcção a Malaga, a fim de embarcar alli para Melilla. Logo que o regimento recebeu ordem de marcha, o enthusiasmo dos soldados foi indescriptivel. Nas ruas por onde passou, viam-se as janellas e varandas cheias de senhoras, e nos passeios a aglomeração de gente não podia ser maior. Das janellas as senhoras acenavam com os lenços, emquanto que nas ruas se bradava: Viva a Hespanha! Viva o exercito hespanhol!

Os marinheiros russos saudavam tambem os soldados, agitando os gôrros. Todos os commandantes geraes dos corpos do exercito telegrapharam ao governo, offerecendo-se a ir para Melilla. Diz uma folha madrilena que, além das forças dispostas para partir para Melilla, serão enviadas algumas companhias de atiradores armados com espingardas Mauser, destinadas a fazer guerra de guerrilhas. São muitos os soldados de outros regimentos que téem requerido para irem a Melilla. A Companhia hespanhola Transatlantica pôz todos os seus vapores á disposição do governo para conduzir as tropas que fôr necessario mandar para a Africa.

—Segundo communica um correspondente de Madrid, o governo hespanhol vai fretar alguns vapores mais, a fim de fazer transportar desde já tendas de campanha e 4:000 homens mais que partirão immediatamente. A guerra parece emminente e inevitavel por causa da attitude dos mouros e tambem da opinião publica em Hespanha.

«Não ha grupo, diz o referido correspondente, que não falle da questão de Melilla com verdadeira indignação, ouvindo-se por ssse motivo phrases bastante bellicas e de fervoroso amor patrio, que fazem recordar o enthusiasmo com que eram recebidas as noticias das victorias que alcançaram as tropas hespanholas por occasião da guerra d'Africa.»

A guerra, parece, a virificar-se não será uma guerra de conquista. Os orgãos principaes da imprensa de Madrid assim o dão a entender. Entretanto um d'esses orgãos diz:

«A Hespanha não pretende lançar-se em aventuras; quer ao presente viver em paz, mas tambem pretende que lhe respeitem os seus direitos, dígnidade e honra, estando disposta a não tolerar qualquer ultrage, quer venha este de um paiz civilisado, quer das tribus selvagens de Bonisicar e de Frajana.»

Alguns jornaes francezes receiam já que a questão se complique e pedem ao seu governo que esteja vigilante e que não deixe estabelecer-se a Hespanha ao lado da Argila sem compensações ou garantias.

Exposição de Paris em 1900. — Está já nomeado o homem que deve presidir a todos os trabalhos da futura exposição em Paris de 1900: é o sr. Alfredo Picard, inspector geral das pontes e calçadas, membro do conselho de Estado, homem de vasta intelligencia, um digno successor de Alphane. E' alsaciano. Foi um dos estudantes mais laureados da Escola de Pontes e Calçadas e da Escola Polytechnica. Executou em Nancy trabalhos importantissimos, e a elle se devem todas as creações de reservatorios, canaes e novos caminhos de ferro das regiões do Norte da França. Desde 1881 que é presidente da secção das obras publicas, agricultura e commercio e industria. O seu relatorio sobre o grupo d'obras mechanicas, na Exposição de 1889 é um trabalho de primeira ordem, e foi traduzido em quasi todas as linguas da Europa. Tem de ha muito a gran-cruz da Legião de Honra. Picard tenciona fazer a exposição no Campo de Marte, mas muito maior, prolongando-a até ás Tulherias e Praça da Concordia. Um dos grandes *clous* da futura exposição vae ser com certeza a abertura e acabamento do boulevard Haussmann até á esquina do boulevard Montmartre.

A rainha Victoria e a photographia.—A rainha Victoria da Inglaterra, desde que subiu ao throno tem sido photographada seiscentas e noventa e quatro vezes! Safa! Sua magestade britannica como se vê, tem-se fartado de *poser*.

Perto do pólo actico.—O *Times* publica um telegramma de S. Francisco da California em que se diz ter chegado alli a baleira *Jeanie*, pertencente a um grupo de embarcações que haviam partido em direcção ao pólo arctico para a pesca da baleia. A tripulação relatou que uma outra baleeira denominada *Newport* passára o ultimo inverno nas ilhas Herschl,e como no verão o mar se apresentasse livre de gêlos partiu á pesca das baleias até ao parallelo 84, isto é, a 6 graus do pólo norte. E' este o ponto mais septentrional até agora alcançado, e se a baleeira levasse cães e trenós, certamente a tripulação teria avançado mais para o pólo.

Uma execução capital.—Sexta-feira ultima foi executado em Versalhes um tal Baujean que, de cumplicidade com uma mulher, estrangulára em um caminho deserto uma pobre velha. Duas vezes julgados e duas vezes condemnados á morte, só a mulher teve a pena capital commutada na immediata, apesar de ser a instigadora do crime.

Baujean estava acordado já quando as authoridades entraram na cellula para lhe notificarem que havia chegado o momento em que devia expiar com coragem o seu crime. Depois de algumas palavras trocadas em que o condemnado se quiz mostrar gracejador, o carrasco tomou conta d'elle, fez-lhe a *toillette* chamada da guilhotina. Banjeân marchou para o logar de supplicio com as feições alteradas, mas sem se mostrar abatido. Eram 6 horas e tantos minutos quando a cabeça lhe foi decepada pelo cutello da guilhotina.

Sobriedade na Escocia. — São em geral ébrios os escocezes; eram-no pelo menos ha annos, a ponto de que alguns philantropos imaginaram formar sociedades de temperança para os curar de tal excesso. A religião tomou parte no empenho; foi decretado o culto da agua limpida; as mulheres secundaram a religião, e a opinião publica, mais forte do que as leis, opprimiu em breve a liberdade da embriaguez.

«Meus irmãos, dizia um dia um cura de almas aos seus parochianos, não são já toleraveis os vossos excessos. Qualquer coisa que façaes habituae-vos a fazel-a com moderação, e sobretudo sêde sobrios de licores fortes. Ao erguer-vos, podeis tomar *um* copinho para fortificar o estomago; antes de almoço podeis tomar *outro*, e rigorosamente podeis tomar *um* depois de almoço; mas beber constantemente, isso nunca. Se sairdes de madrugada, podeis tomar *um* copinho, por causa do nevoeiro; *outro* antes de jantar, o que não é realmente reprehensivel; mas vêr-vos constantemente de garrafa na mão, isso nunca.

Ninguem poderá achar censuravel que vós tomeis *um* copinho á sobremeza; *outro* quando se levantar a meza, á saude dos vossos amigos. Tudo isto me parece rasoavel. Ha até pessoas que para se conservarem acordadas de tarde, e terem animo para o trabalho, necessitam tomar *um* ou *dois* copinhos; mas o que é vergonhoso para qualquer é dar-se cegamente á bebida.

Depois de findo o dia muda o caso de figura; a todos é permittido certo regalo; todos podem tomar, sem merecerem reprehensão, *um* copinho antes de ceia e *outro* depois. Estou mesmo em dizer que *um* copinho depois do chá não é coisa demasiada. Finalmente, como não é possivel ninguem libertar-se repentinamente de um habito de muitos annos, poderei ainda achar, admissivel *um* copinho ao deitar; e de noite, no caso de se despertar, *um* ou *dois* copinhos para tornar a adormecer. Mas, o que vos aconselho, meus irmãos, é que não passeis além disto, aliaz transporeis os limites da moderação.

Caminho de ferro no Congo.—E' sabido que uma Companhia belga está construindo um caminho de ferro destinado a ligar o Congo maritimo a Stanley Pool. Mas uma das principaes difficuldades que tem encontrado a Companhia na construcção da via ferrea consiste na falta de carregadores e operarios. Os agentes recrutadores de trabalhadores percorreram primeiramente as costas occidental e oriental da Africa, mas como conseguissem angariar pouca gente, dirigiram-se á China, onde recrutaram 529 coolies que de Macau foram transportados para Matadi. Noticias recentes do Congo dizem, porém, que tem sido grande a mortandade entre o pessoal chinez, fazendo considerar como impossivel a sua utilidade nas obras d'aquelle caminho de ferro. As maiores difficuldades que tem encontrado a Companhia belga na construcção do caminho de ferro é na região de Palaballa, onde o clima é de extrema insalubridade.

Na republica de S. Merino. — A pequena cidade de S. Merino esteve de festa, domingo ultimo, por occasião da installação dos dous novos regentes da minuscula republica, o professor Marius Fattori e Pietro Froncini.

Milhares de pessoas, idas de Rimini, Pesaro e Fano, assistiram á ceremonia, que constitue um boa fortuna para a capital de um Estado de 8:000 habitantes, que possue um grande conselho geral, um exercito e até uma Ordem de cavallaria.

No Afghanistan. — A chegada da missão de sir Henry Mortiner Durand á capital do Afghanistan effectuou-se ha dias. Foi recebida a uma legua de Cabul por 100 cavalleiros escolhidos, que escoltaram a missão até á ponte por onde se entra na cidade, e onde lhe foram prestadas as honras militares por 1:000 homens de infanteria e artilheria. Depois de trocadas as saudações, o enviado britanico e os officiaes do seu sequite foram conduzidos para um palacio onde ficaram sumptuosamente alojados.

Casamento por amor.—Não se falla d'outra coisa na Baviera senão no casamento da princeza Augusta Maria Luiza, que ha pouco completou as suas 19 primaveras. A princeza estava apaixonada por um tenente de cavallaria, de pequena nobreza—um simples barão—e os augustos parentes não quizeram consentir n'essa união. Exilaram o tenente para uma guarnição muito afastada de Munich. O principe Leopoldo e a archiduqueza Grisèle, esperavam que a ausencia traria comsigo o esquecimento. Enganaram-se n'essa previsão. A paixão da joven augmentou e como ella caiu doente seu pae acabou por dar o seu consentimento. E eis como a princeza Augusta Maria vae desposar um simples tenente de cavallaria.

Abolição do fato preto.—Os alfaiates de Vienna e Lião e alguns de Paris, Londres e Nowa-York, acabam de declarar-se partidarios enthusiastas da prohibição do fato preto nas festas e actos officiaes. Alguns apaixonados de modas duvidam do exito d'esta cruzada, comquanto reconheçam que ha numerosissimos inimigos do uso constante do *toillete* preta, como *toillete* obrigada, de etiqueta.

As ostras; banquete annual. — A municipalidade de Colchester na Inglaterra, offereceu ha dias a altas personalidades o celebrado banquete annual, em que apresenta as suas afamadas ostras. Havia quatro centos convidados, entre os quaes o duque de Cambridge, o lordmayor de Londres e grande numero de notabilidades militares e politicas. Consumiram-se 20:000 ostras. Houve brindes humoristicos com o fim de celebrar as ostras que são a gloria e a fortuna de Colchester.

Relogios de papel.—Depois de dois annos de paciente trabalho, mr. Henry, um americano que reside em Longuyon, conseguiu fabricar um immenso relogio de dez metros de papel. O relogio anda com regularidade extraordinaria e só se atraza um minuto em cada mez. Em vista do bom exito do seu invento mr. Henry dicidiu-se tambem a construir de papel relogios de algibeira e de parede de todos os tamanhos, e cujos preços fluctuarão entre 240 e 2400 reis.

Das cartas de marear de graus iguaes e meridianos parallelos. — O primeiro invento das *Cartas de marear* de graus iguaes e meredianos parallelos, attribue-se commummente ao Infante D. Henrique, filho de El-rei D. João I. Este Infante (de cujo valor militar sciencia da astronomia, e outras virtudes se faz grande menção nas historias d'este reino) havendo-se retirado para Sagres, villa que havia fundado junto ao Cabo de S. Vicente, no reino do Algarve, começou d'alli a mandar descobrir as Costas d'Africa e ilhas visinhas. E vendo que o fim dos pilotos era saber a distancia d'um logar a outro, e conduzir o navio ao porto destinado, julgou sabiamente que não podiam conseguir o fim pretendido, se usassem de *Cartas Geographicas*, pela grande difficuldade que envolve a pericia que requer o seu uso: e assim traçou estas Cartas por linhas parallelas, para n'ellas se poder assignar o logar da nau ajustada e facilmente, sem o incommodo do calculo, de que o commum dos pilotos não é capaz. E ainda que Ptolomeu reprovou esta fabrica, não querendo que as Cartas feitas por esta maneira podessem servir fóra das alturas proximas do Equinocial, porquanto, desviando-se para maior altura, as proporções e medidas se alteram; comtudo este grande Principe julgou com bom fundamento que se podia remediar este inconveniente, e que esta especie de Cartas tinha outras vantagens para o uso da navegação, e foi o primeiro que as introduziu.

AZEITÃO

PAÇO DOS AVEIROS EM SUAS RELAÇÕES COM A HISTORIA

VII

Progenie dos duques

Do enlace matrimonial de D. Juliana com D. Alvaro foram fructos:

1.º D. Isabel, baptizada a 30 de junho de 1590, teve por padrinhos o rei D. Filippe e a infante. Falleceu em Azeitão a 30 de novembro de 1599.

2.º D. Magdalena, baptizada a 9 de julho de 1591, teve por padrinhos D. Luiz de Lencastre, commendador-mór de Aziz e D. Violante Henriques avó da baptizada. Cazou em Azeitão a 21 de março de 1631 com D. Luiz, conde de Faro.

Os descendentes de D. Magdalena disputaram depois com o marquez de Gouveia a posse do ducado.

3.º D. Violante, baptizada a 6 de abril de 1593, teve por padrinho D. Manuel de Lencastre, seu tio paterno. Professou na Madre de Deus, de Lisboa.

4.º D. Jorge, duque de Torres Novas, foi baptizado a 13 de abril de 1594 pelo padre frei Jorge, filho do duque de Coimbra e teve por padrinhos *uma freira velleira pobre* e o ermitão de S. Pedro de Coina a Velha. Falleceu no palacio *ás 10 horas e meia da noite* de 7 de setembro de 1632, e foi sepultado na egreja da Arrabida, junto de seu pae.

5.º D. Ignez, Baptizada a 19, de maio de 1596, teve por padrinho seu tio Manuel. Falleceu creança, não existe todavia o termo de Obito no cartorio parochial.

6.º D. Affonso, baptisado a 19 de junho de 1597, teve por padrinho D. João de Lencastre, comendador de Coruche. Foi marquez de Porto Seguro e duque de Abrantes. Depois de enviuvar da marqueza de Val de Fuentes, ordenou-se sacerdote e falleceu em Hespanha em 1656. O duque de Abrantes e Linares, que, ha annos, assentou curta residencia na quinta das Larangeiras, perto de Lisboa, era descendente de D. Affonso de Lencastre.

7.º D. João Manuel, foi baptisado pelo capellão dos duques a 8 de janeiro de 1599 e teve por padrinhos D. Francisco de Lencastre e sua mãe D. Filippa de Menezes. Professou no convento dominico de Setubal com o nome de frei Jacinto e alli foi prior.

8.º D. Luiza, foi baptisada a 10 de junho de 1600 por frei Antonio de Santa Maria, filho natural do mestre D. Jorge e teve por padrinhos D. Luiz de Lencastre e sua filha D. Magdalena, que foi baroneza de Alvito.

9.º D. Manuel, foi baptisado a 20 de agosto de 1601 e teve os mesmos padrinhos de sua irmã Luiza. Morreu creança.

10.º D. Brites, baptisada a 20 de novembro de 1602, teve por padrinhos seu irmão Jorge e sua tia paterna D. Brites. Aos 8 annos entrou no mosteiro de S. João de Setubal, aonde foi prioreza com o nome de soror Brites de S. José e falleceu em 1673.

11.º D. Violante, baptizada a 9 de maio de 1604, teve por padrinhos seus irmãos o duque de Torres Novas, e D. Magdalena. Em 28 de maio de 1631 casou com Lourenço Pires de Castro, conde de Basto. A cerimonia religiosa teve logar na egreja do visinho mosteiro de Santa Maria da Piedade, sendo celebrante D. Miguel de Castro, irmão do noivo e bispo de Vizeu algum tempo depois. Foram padrinhos os duquea de Torres Novas.

12.º D. Maria, baptizada no palacio pelo padre Antonto do Soveral a 8 de janeiro de 1606, foi depois á freguezia a *receber os oleos*. Em 1625, a 28 de abril, *dia de S. Vital*, casou em S. Lourenço com D. Manrique da Silva, marquez de Gouveia. Foi celebrante o capellão-mór D. João da Silva, irmão do nubente. Um descendente de D. Maria de Lencastre succedeu no ducado em 1749 e n'elle acabou casa e titulo.

13.º D. Marianna, baptizada a 17 de outudro de 1606, foi religiosa clarista na madre de Deus de Lisboa.

14.º D. Pedro Diniz, baptisado a 20 de abril de 1708, teve por padrinhos seus irmão Jorge e Magdalena. Formado em canones pela universidade de Coimbra, segui a vida ecclesiastica, foi nomeado bispo da Guarda, arcebispo do Sida, de Evora e de Braga, inquisidor geral, presidente do desembargo do paço e conselheiro de esiado. Succedeu no ducado a seu sobrinho Raymundo, fallecendo em 1673: jaz na egreja da Arrabida.

15.º Luiz Barnabé, baptisada a 17 de junho de 1609, teve por padrinhos seus irmãos: Affonso e Marianna. Foi marquez de Malagoa e falleceu em Castella em 1679.

16.º D. Antonio, baptizado a 4 de agosto de 1611, teve por padrinhos seus irmãos o duque de Torres Novas e D. Magdalena. Foi clerigo *in minoribus*. Em 1660 passou para Castella com sua cunhada D. Anna Manrique e lá morreu.

Todos os filhos dos duques Julianna e Alvaro nasceram no palacio de Azeitão e foram baptizados na egreja de S. Lourenço pelo cura Diogo da Silva, com excepção d'aquelles a quem se designa outro sacerdote. Os registros não mencianão os dias dos nascimentos, mas podem contar-se entre os 8 dias anteriores ao baptismo, conforme o rito romano e de outros termos se verá ser uso na casa de Aveiro.

Os primogenitos dos Bragançãs eram marquezes logo ao narcer; os Aveiros quizeram egual preeminencia para os seus primogenitos e alcançaram-a. Os Bragançãs, para excederem os seus rivaes, obtiveram para os primogenitos o titulo de duques; os Aveiveiros para não ficarem atraz tiveram em 1588 o titulo de duques de Torres Novas tambem para os seus primogenitos. Em 1597 publicou-se *a lei das cortezias*, e D. Theodosio de Bragança teve por ella o tratamento de excellencia; D. Alvaro de Lencastre derigiu ao rei um extenso memorial mostrando proceder de melhor concubinagem regia, e, attendido em 1606, foi equiparado a D. Theodosio.

O duque de Torres Novas, nascido em 1594, estava na edade nubil, tinha 25 annos e seus paes determinaram casal-o com D. Anna Doria, filha dos principes de Melti. Os duques de Aveiro pozeram casa a seu filho, que passou a habitar o palacio de Setubal, aonde em 1619 se celebraram os mais esplendorosos esponsaes. Não contava a noiva ainda 20 annos; um anno passado D. Jorge era viuvo e passou a viver em Azeitão com seus pães.

Em 1626 falleceu o duque D. Alvaro. Em 1629 o duque de Torres Novas passou a segundas nupcias com D. Anna Manrique, filha dos duques de Maqueda. Filippe III por esta occasião mostrou-se generoso de mercês para os Aveiros, dando-lhes por mais trez vidas o titulo de duque para os primogenitos e o de marquez para o primeiro filho d'estes, se nascesse na vida dos avós.

Nos caniculares de 1632, o duque de Torres Novas, caçando na Serra da Arrabida sob um sol ardente, adoeceu, morrendo a 7 de setembro. *No dia seguinte celebrava a egreja a Natividade da Mãe de Christo*; as chronicas fazem notar o facto, e o registo d'obito declara que nenhum sacramento lhe faltou na hora extrema.

A historia registou os meritos individuaes d'este D. Jorge. Foi pio, amante da caça e devoto, qualidades *perfeitamente homogeneas*. — Quando saía o Viatico aos enfermos, o duque sentia-se ufano em tanger a campainha com toda a mestria da arte;—como irmão da Misericordia, não houve gato-pingado mais zeloso em carregar com o cadaver dos seus confrades—como terceiro de S. Francisco, levava a palma aos mais pimpões na procissão da Cinza. Já é ter merecimento! Azeitão deve orgulhar-se de ter produzido tão *prestante* cidadão!

Nos ocios occupava-se da reproducção da especie, e em 3 annos apenas, offertou á egreja e á patria 4 fructos do seu labutar, a que, em homenagem ao kalendario, quasi esgotou os nomes dos eleitos, que alli se celebram.

1.º «Em uma sexta-feira, 11 do mez de janeiro da era de 630, do meio dia para a uma hora, diz o cura Agostinho de Sousa, pariu a duqueza de Torres Novas uma filha, que eu baptizei aos 19 dias do dito mez e lhe puz por nome—Maria de Guadalupe Luiza Melchiora Antonia Dominica Raymunda Boa Ventura Egidia Sebastiana Margarida, foram padrinhos a duqueza D. Juliana de Lencastre e o sr. D. Affonso de Lencastre marquez.»

D. Maria de Guadalupe, foi dama distincta pelo seu juizo prudencial e amor ás lettras. Por morte de seu pae era de 3 annos, e tinha 6 quando falleceu sua avó Juliana. Por este tempo a duqueza viuva abandonou os filhos aos cuidados dos parentes de seu marido e foi encerrar-se na Arrabida, solta de quanto a prendia ao mundo. Maria de Guadalupe, foi educada no paço de Azeitão, aonde não faltavam os mais habeis mestres, que convinham a um grande nome e á filha de uma casa poderosissima. Foi dada á musica; applicou-se com proveito á pintura, poetou e foi boa prosaista. Era versada nas linguas grega, latina, italiana, franceza, castelhana, ingleza, e *em todo o genero de erudição profana e sagrada.* O abbade de Serem e Cunha Taborda falam d'esta dama com muito louvor.

Em 1643 foi eleita provedora da Misericordia de Azeitão, facto não vulgar n'uma confraria toda de homens; não seriam, comtudo, as lettras nem a prudencia dos 13 annos que lhe promoveram os suffragios.

A duqueza de Torres Novas, saiu da Arrabida, para a sua villa de Penella, em março de 1641, acompanhada de seu cunhado D. Antonio de Lencastre. De Penella veio para Setubal, aonde se lhe foi juntar D. Maria de Guadalupe; aqui se achavam em 1659 e em agosto de 1660, sairam estas tres personagens para Castella, d'onde nenhum voltou.

Depois de cinco annos de residencia em Madrid, casou D. Maria de Guadalupe com Manuel Ponce de Leon, de quem teve tres filhos: Joaquim, duque de Arcos; Gabriel, duque de Baños em Castella e de Aveiro em Portugal; e D. Isabel, duqueza de Alva e depois de Solforino.

Disputou a seu tio Pedro a posse do ducado de Aveiro, que só lhe foi julgada, pela morte d'este sob condicção de voltar para Portugal. D. Manuel Ponce, oppoz-se á retirada de sua mulher; do que resultou separarem-se. Carregada de desgostos, de molestias e annos não poude volver á patria, fallecendo em 1715.

2.º D. Raymundo, nasceu em Setubal em fins de 1630 ou principios do anno seguinte e foi baptisado na freguezia de S. Julião a 5 de janeiro de 1731. Teve por padrinhos o duque de Maqueda e a *marqueza* (sic). Como ainda vivia seu pae e avô, teria o titulo de marquez, que lhe dava o nascimento, mas em 1633 foi duque de Torres Novas.

Pela morte da duqueza D. Juliana o marquez de Porto Seguro disputou a seu sobrinho o titulo e casa de Aveiro, breve correu o pleito, e no anno seguinte D. Raymundo foi julgado successor de sua avó.

Depois da queda dos Filippes, o rei eleito, que não podia escusar auxiliares, quiz congraçar os Aveiros, chamal-os á sua causa e muito em favor estiveram na côrte. D. Raymundo era creança, todavia muita influencia tinham os de sua familia, que eram bastantes.

Apenas puber, o duque foi muito distinguido por D. João IV; a regente D. Luiza de Gusmão, continuou as demonstrações de deferencia, consideração e favor, mas a tudo foi rebelde. O duque, voluvel, enfatuado e presumçoso de merecimentos, que não tinha, imaginou ser vice-rei de Portugal, pela restauração dos Filippes. A sua phantasia fel-o parecer-se conspirador temeroso e homem importante; saiu de Lisboa para Azeitão, passou a Arrabida, aonde se demorou uns dias no convivio dos frades e, havendo chegado a este porto uma charrua, embarcou n'ella para França. O conde de Soure, embaixador de Portugal n'quelle paiz, pretendeu desviar o duque do proposito de passar a Castella e fazel-o voltar *ao reino*; dirigiu-lhe uma carta cuja resposta breve foi, que *nunca duas parallelas se poderiam tocar*, significando n'estas linhas as casas de Bragança e de Aveiro. Não se deu por vencido o conde e tornou a escrever-lhe; o duque respondeu-lhe em tom motejador: «Sempre conheci a v. ex.ª com o achaque de zeloso do bem publico, e n'esta consideração prometto fazel-o meu alferes-mór, quando fôr rei de Portugal».

O governo portuguez, não crendo na inconsideração e leviandade do duque, julgou que existia uma conspiração de poderosas ramificações nos grandes do reino, não conhecida ainda, mas denunciada pela fuga de D. Raymundo, quando eram apenas umas insensatas combinações entre um prisioneiro hespanhol, Fernando de Faro, e o duque de Aveiro. Em Hespanha recebeu o titulo de duque de Ciudad Real, mas foi tido como um estouvado. Na primavera de 1661 deixou Madrid, dirigindo ao rei um pedido para se alistar no exercito que havia de abrir a campanha de Portugal. Filippe IV recusou satisfazel-o, dizendo-lhe que o não queria ver decapitado. Pelos grandes havia sido recebido com pouca benevolencia.

Em Portugal foi lhe instaurado processo, e em 1663 declarado traidor á patria, degolado em estatua; todos os seus bens foram incorporados no patrimonio da corôa

Depois da morte do rei Filippe, a regente, dirigida pelo seu confessor, o jesuita Nithard, deu ao duque o commando da esquadra, que devia bater as costas de Portugal, é possivel que o duque confiasse muito no seu valor e pericia, mas é certo, que teve de recolher a Cadiz com a fragil gloria de ter batido o porto da Baleeira de 3 peças e alcançado a rendição d'uma das Berlengas guarnecida por 30 soldados, que resistiram por dois dias aos 15 navios da esquadra.

O duque D. Raymundo falleceu alguns mezes depois d'estes feitos em 5 de novembro de 1666.

3.º Luiza Thomazia Gaspara Maria Francisca Raymunda Antonia, nasceu nos paços de Azeitão e foi baptisado na egreja de S. Lourenço a 6 de de janeiro de 1632, sendo seus padrinhos a duqueza D. Julianna e D. Pedro de Lencastre. Era de 8 mezes pela morte de seu pae; a duqueza viuva levou esta filha para a Arrabida, onde falleceu com cerca de 3 annos e foi sepultada na egreja do mosteiro.

Quando em 1756 se procedia á reparação dos estragos do terremoto do anno anterior, foi encontrado na parede do lado da epistola o caixão que encerrava os restos d'esta menina, ainda envolvidos em sedas. No mesmo caixão se juntaram os ossos de seu pae ou avô e os da duqueza D. Julianna, enterrando-se tudo junto dos degraus do altar.

4.º João Mathias Luiz São Bom Antonio Gonçallo Buena Ventura Melchior Marianno, nasceu posthumo no paço de Azeitão e foi baptizado na egreja de S. Lourenço pelo parocho de S. Simão a 26 de maio de 1633. Teve por padrinhos a duqueza D. Juliana e o ermitão de Santa Margarida da Arrabida. Foi pretendente á casa de Mequeda e morreu em 1659.

No convento dominico de Aveiro havia memorias de uma soror Monica de Santo Agostinho, irmã do duque D. Raymundo. Seria filha natural de D. Jorge, por quanto do primeiro matrimonio não houve filhos e da segundo não teve tempo para mais do que os mencionados atraz.

(Continúa).

J. Rasteiro.

ASSUMPTOS HISTORICOS

E' do nosse collega do *Conimbricense* o seguinte artigo:

A egreja de Santa Cruz e D. Affonso Henriques

Quando Junot invadiu Portugal com o exercito francez, em 1807, um dos seus maiores cuidados foi aniquillar o exercito portuguez. Parte d'elle foi mandado para França, e quasi todo o resto foi desarmado. Os regimentos de cavallaria 6 e 9 foram desarmados em Coimbra. Foi uma grande dôr que sentiram estes bravos militares, ao verem-se obrigados a largar as espadas. N'esta situação afflictiva o capitão de cavallaria 9, Paulino de Oliveira Pinto da França, trata de lavrar um solemne protesto contra uma tal violencia. Conduz Luiz Paulino pela mão um filho menor, que tinha praça de cadete no mesmo regimento, entra no templo de Santa Cruz, e chegado á capella-mór, alli, perante o tumulo de D. Affonso Henriques, quebra a espada, e recita de improviso, com enthusiasmo, o seguinte memoravel soneto:

> «A teus pés, fundador da monarchia,
> Vae ser a Luza gente desarmada!
> Hoje cedo á traição a forte espada,
> Que jámais se rendeu á valentia!
>
> O' rei, se a minha dôr, minha agonia,
> Penetrar podem sepulchral morada,
> Arromba a campa, e com a mão myrrada,
> Corre a vingar a affronta d'este dia!
>
> Eu fiel, qual te foi Moniz, teu pagem,
> Fiel sempre serei; grata esperança
> Me sopra o fogo de immortal coragem!
>
> E as lagrimas, que a dôr aos olhos lança,
> Acceita-as. grande rei por vassalagem,
> Recebe-as em protestos da vingança!»

Acabamos de citar o protesto de um bravo militar, lavrado na capella-mór da egreja de Santa Cruz, perante o tumulo de D. Affonso Henriques.

Citaremos agora as breves, mas eloquentes palavras do nosso primeiro historiador Alexandre Herculano:

«Ao passarmos pelo pallido e carcomido portal da egreja de Santa Cruz, vamos saudar as cinzas d'aquelle homem, sem o qual não existiria hoje a nação portugueza, e, porventura, nem sequer o nome de Portugal.»

Agora que a egreja de Santa Cruz está a ser deturpada pela invasão de quantidade enorme de lodo e immundicie, e que jazigos de D. Affonso Henriques e D. Sancho I estão egualmente *sendo conspurcados com esse lodo e* essa immundicie, é conveniente que se saiba a consideração que davam a tal egreja e a taes jazigos os homens verdadeiramente portuguezes, e respeitadores da nossa nacionalidade.

Joaquim Martins de Carvalho.

A MULHER

Sob esta epigraphe o nosso collega *Jornal de Santarem* publica o seguinte artigo:

«Epigraphamos assim a carta com que o nosso presado amigo Freire de Campos, se apressa a suavisar a situação da mulher, que, em nosso n.º 501, tão desalmadamente foi apreciada por conspicuos e sabios varões:

Sem duvida a esses que tão mal tratam a *carne da nossa carne, o osso do nosso osso* pode-se applicar o conceito da fabula—a raposa e as uvas.

Em compensação ha-os que estão no polo opposto. Será o estimavel amigo um d'elles? Oh! se é! e comsigo estamos nós e comnosco estão todos os que reivindicam *gulosos* a posse d'essa *carne* e d'esse *osso*.....

Bem faz pois o nosso amigo e.... agora as damas que lh'o agradeçam.

Am.º Bernardino—No seu interessante jornal de domingo, 20, na secção (*Pelo estrangeiro*,) apresentou sob o titulo *Contra a mulher*, uma pequena amostra, do que se tem escripto contra ella. Permitta-me que eu agora, apresente tambem uma amostra do que se tem escripto a seu favor. Antes, porem, quero referir lhe, percorrendo a historia da humanidade, as extravagantes opiniões de que a mulher foi tão injustamente alvo. Ahi vão, sem commentorios.

Para Aristoteles, philosopho grego, a mulher era um ente em esboço; um ser imperfeito e contrario ao fim da natureza. Refere Santo Agostinho, que alguns theologos, opinando conforme aquelle philosopho, sustentaram que Deus, no dia de juizo, reformaria a sua obra, e que todos os mortos resuscitariam, unicamente com o sexo masculino

Em certa epoca appareceu uma importante obra, pela sua esdruxula doutrina, intitulada: *Quod mmlier non sint homaines*—que as mulheres não pertencem á especie humana!

N'um concilio de Macon, celebrado ha 14 seculos, ventilou-se a questão, que foi renhidissima, formulada nos seguintes termos:

Morreria Deus pelas mulheres como pelos homens? Opinaram alguns, que a redempção se limitava apenas aos homens, a maioria fel-a estender a ambos os sexos.

Mahomet recusou ás mulheres a entrada no seu paraiso, e Milton chamou-lhes «um bello defeito da natureza»,—*Faire defect of nature.*

Emfim, se a mulher teve uma epoca em que não possuia *direitos* e era considerada como uma *causa*, uma escrava do homem, hoje o Christianismo restituio-lhe os foros da igualdade. Collocou a no logar d'honra, que, com tanta distincção, sabe occupar na sociedade, e assim é a querida e respeitada companheira do homem desde o mais modesto alvergue do pobre ao sumptuoso palacio do rico e poderoso.

Para dar a Cesar o que é de Cesar, isto é, para fazer sincera justiça ás sublimes qualidades da mulher, vinha mui a proposito transcrever aqui o *Quadro das virtudes das mulheres*, que apontamos da mesma obra d'onde compilamos aquellas ideias *sui generis* a seu respeito,—não o fazemos, porém, pelo muito espaço que occupariamos no seu jornal, e por isso nos limitaremos a respigar d'aquelle excellente quadro apenas alguns periodos.

O homem compraz-se de empregar o seu poder contra o outro homem, ataca-o nos seus sentimentos, persegue-o nas suas affeições, ultraja-o nas suas opiniões; finalmente martyrisa-o, e sente prazer n'isso. Mas eis que intervem a mulher! Para sentir a dôr, não carece de adquirir tardia experiencia; qualquer adversidade que se lhe depara, torna-se-lhe logo propria. As caricias que alliviam, as palavras que enternecem, as attenções que commovem, os segredos que consolam... tudo ella possue por instincto.

O ente que soffre toma logo o primeiro logar no coração da mulher, que para ella todas as dôres são nobres: as crianças abandonadas, os velhos sem arrimo, as mulheres sem sustento, formam em toda a parte a familia de sua escolha: porque á mulher pertence toda a creatura que de protecção carece.

....

Finalmente, as mulheres, para nos fazerem viver no mundo, soffrem, e soffrem até á morte. São ellas quem nos subtrahem aos perigos da infancia, quem dirigem nossas inclinações, quem nos dá a educação do coração, quem mais tarde multiplica em torno de nós todas as affeições. E quando, como filhas, como mães, como esposas, teem preenchido tantos deveres, ainda as encontramos nos derradeiros instantes da vida, suavisando males de que não cabe no possivel triumphar.

Mas á vista de tantos laços que vão desatar-se, a sua sensibilidade e a sua ternura conseguem ainda apertal-os como para os tornar indestructiveis. De dia não é possivel arredal-as da cabeceira do nosso leito, e á noute ainda nos velam, immoveis... respirando apenas. São ellas quem pensam as nossas feridas, e com os seus cuidados nos suspendem as dôres. Se as lagrimas as suffocam, sabem retel-as, e para enganar a nossa inquietação, ordenam a seus labios que nos mostrem o riso. Pouco e pouco vae o homem perdendo as forças; pouco e pouco vae resvalando para a morte e durando ainda o sentimento; volta-se para a sua companheira, busca-a, encontra-a, e morre encostando-se a ella: que até para morrer tem precisão da mulher! (*L'observateur au 19me siécle*).

Em presença de quadro tão sympathico quanto real, que importa á mulher os ditos de S. Gregorio, de *Balzac, de Innocencio 3.º, de Marcial*, de Confucio, etc., que podem muito bem ser effeitos de causas muito honrosas para ella ou excepcionalmente applicados, sem todavia, e felizmente, destruir a regra geral? A mulher instruida, a bem educada, ainda que «arremessada ao meio dos nossos furores e paixões, tem a arte», ou antes a virtude, «de as dominar e adormecer».

Desculpe-me tão atroz incommodo e creia-me sempre com muita estima e consideração.

Fonte Bôa, 24 d'agosto de 1893.

J. P. Freire de Campos.

Com relação ao assumpto, o mesmo jornal, em n.º posterior, diz:

A proposito do que n'este jornal se tem escripto da mulher, reproduzindo-se opiniões de circumspectos e sabios varões, desde os tempos biblicos aos hodiernos, e mui designadamente a proposito d'essa carta que inda a respeito da mulher, nos enviou o nosso amigo Freire de Campos, e que aqui publicámos, recebemos hontem pelo correio o seguinte agradecimento, acompanhado d'uma nota de 1$000 rs.:

Agradecimento

(Ao Ex.mo Sr. J. P. Freire de Campos)

Uma filha de Santarem, a mais humilde das filhas do povo, mui pobre de espirito, e de intelligencia escassa, tendo por unica sciencia o coração e por dote a honra, extremamente lisongeada, vem por este meio testemunhar a sua gratidão para com o ex.mo sr. Freire de Campos pela maneira gentil quasi exagerada, como elogia o sexo feminino no *Jornal de Santarem*, de domingo 10 sob a epigraphe *A mulher*, e tomando a sua defeza e segundo uma ordem d'ideias que, só por excepção se encontram no homem de *modernissima* educação.

A mulher é a victima das maiores affrontas do homem. Por elle é fascinada, vencida, ultrajada, vilipendiada e arrastada ao ultimo abysmo... e depois... a mulher é accusada sabe Deus de quantas perfidias e maldades como se fosse o algoz do seu algoz...

Não podendo pois, conter a minha admiração perante um tal rasgo de generosidade e de sentimento tão elevado, venho incompetentemente, e em nome de todas as mulheres que se julgarem em seus direitos. proclamar em vigorosos traços o nosso mais intimo reconhecimento, testemunho de sincera gratidão para com s. ex.ª

P. S. Por conveniencia propria ficará occulta a assignatura, do que peço desculpa.

Santarem, 23 de setembro de 1893.

* * *

Agora nós, para que não sejamos incluidos no numero dos que não são ou não sabem ser *gentís* com as damas:

Os 1$000 réis que a amavel anonyma nos enviou ficam á sua disposição se nos não permittir que os distribuamos em seu nome (em seu nome, note bem) pelos nossos pobres.

Podemos esperar resposta?

CARTA DE GOES

10 DE OUTUBRO DE 1893.

Sr. redactor.—Ao favor d'um amigo devo a leitura do n.º 76, do anno corrente, do jornal a *Correspondencia de Coimbra*, que sob a epigraphe—*Creança morta—Modo habil e intelligente, como a auctoridade administrativa, o sr, Francisco Ignacio Dias Nogueira, descobre a criminosa.*

Segue a descripção do facto e diligencia que podia ter sido feita por qualquer cabo de policia sem inconveniente para o serviço.

Admirámos tantos e tão extraordinarios encomios e louvores. Nunca uma praça de pret teve louvores do seu chefe de policia pelo facto de apresentar a arma com o rigor e tempos da ordenança. O que fez o sr. administrador substituto é trivial, são parte dos espinhos colhidos no serviço publico.

Como o artigo a que nos referimos foi, pelo que nos affiança pessoa que priva mais ou menos com o famoso funccionario, de sua propria lavra, corre-nos a obrigação partidaria de corresponder aos seus proprios louvores, embora o vituperio cáia desapiedado sobre o intrujão.

O sr. administrador substituto do concelho, que não possue uma unica qualidade que realce o seu nome e pessoa, arranja, compõe e manda publicar artigos em sua honra e louvor, como se não fosse conhecido por esse mundo além que a sua unica habilidade tende para a tramoia eleitoral, que tem exercido muito a contento do sr. conselheiro governador civil e do seu protector dr. Albino de Figueiredo, mui distincto e prestimoso deputado por este circulo.

O sr. administrador do concelho, que elle proprio se chama Dias Nogueira, é hoje mais conhecido polos cognomes de Chicarola, Chico Ignacio, Idas de Pau, Chico Reles, acabando de solemnisar com pompa o de Chico das Castanhas. Não sabe v., sr. redactor, d'onde deriva o novo auxiliar de Francisco Ignacio Dias Nogueira.

Historiemos.

Da casa do honrado industrial Manuel Ignacio Dias herdaram seus filhos um souto de castanheiros no sitio do Ribeiro, suburbios d'esta villa. Em 1890, cremos, expropriou a camara este souto com trinta castanheiros por a bagatella de 350$000 reis, camara de que fazia parte como vice-presidente o actual administrador substituto, que é um dos filhos de Manuel Ignacio Dias e por tanto irmão dos expropriados. Por essa occasião a maioria da camara era favoravel á familia Ignacios, e se não fora essa circumstancia decerto não obteriam do cofre municipal 350$000 reis por 30 castanheiros. No auto de expropriação, porém, ficou consignada a clausula de que a madeira seria para os expropriados. E em um souto onde trinta castanheiros renderam 350$000 reis, deprehende-se que a madeira ha de ser muita e boa.

Mas não pára aqui o zelo camarario e o interesse pela bolsa do povo com que o sr. Manuel Ramos embeleza as suas conferencias politicas e o Chico Reles a sua fama de orçamentologista privativo dos regeneradores de Goes. Ora como a moralidade está acima de tudo para uma camara progressista como a actual, não podia ella continuar na incuria e desleixo de que as castanhas continuassem a ser apanhadas pelos expropriados sem indemnisação alguma. Por esta circumstancia, o digno presidente da camara o sr. commendador Marques, ouvindo ler perante a camara o respectivo auto de expropriação, propoz e ella approvou que as castanhas fossem postas em arrematação, que se passassem editaes com o praso legal e findo elle se vendessem em hasta publica.

A um administrador a quem facilmente subisse á face a côr de quem se vê vexado, teria protestado contra a deliberação da camara, visto que estando presente, lhe corria o dever de não deixar sem reparo essa deliberação, equivalente ao dizer-se, que o sr. administrador e seus manos tinham mandado levantar um fructo que lhes não pertencia.

Mas sabe v., sr. redactor, como o tal Chico Reles recebeu a votação da camara? Com o riso alvar que é o seu proprio, acompanhado de umas phrases patuscas suas predilectas, offerecendo castanhas do souto aos vereadores da maioria por serem muito boas e outras bernardices muito suas conhecidas quando se trata de questões d'esta natureza e de egual gravidade.

Ha já dias o digno tabellião d'esta villa e pharmaceutico o sr. Antonio da Cunha e Frias mandou malhar um pouco de milho em local que é publico não ser publico. Como o Castanhas e a sua parentella são inimigos figadaes do sr. Frias, veio tambem o manequim metter a unha; e chamando o official da administração, Boqueiro, intimou o sr. Frias para que levantasse o milho e pagasse a multa pelo facto de mandar malhar espigas de milho com grave incommodo para os ouvidos regeneradores. E' bom saber-se que em plena praça, malha e secca milho o sr. administrador-proprietario, malha cevada a sr.ª D. Guilhermina Paula, trilha palha o sr. prior, quero dizer, manda trilhar palha o sr. prior, etc., etc. Mas nada d'isto vê o sr. administrador, só vê transgressão de posturas quando algum seu adversario se lembra de commettel-a. E depois de toda esta parlapatice nem sequer levou a transgressão, que só existia na sua boa vontade, ao conhecimento da camara. Faz dó este pobre homem.

O mesmo sr. Cunha e Frias tem um filho que não escapou á furia, má vantade e perseguição do sr. Manuel Ramos, que estando administrador, o nomeou cabo de policia, posto que soubesse do seu mau estado physico, que mal o deixa fazer uns pequenos serviços na sua pharmacia; mas ainda assim permittiu-lhe o substituir-se no serviço. Mas o Castanhas, que é tyranete vingativo e apto sempre para tudo que seja vingança e tropelia, mandou intimar por um seu mandado, que temos á vista, o sr. Frias para estar na administração. A' hora, alli estava o nosso amigo, e é intimado para sair sem perda de tempo a acompanhar um preso a Arganil, mas que se entregaria ao regedor de Celaviza. Allega o sr. Frias que não póde fazer o serviço, pois é bem conhecido o seu estado de saude, e principalmente áquella hora' 3 da tarde, em dias d'agosto. Mas que pelo que dispõe o artigo 266 e seus §§ do Cod. Adm. elle promptifica se a fazer-se substituir n'aquelle serviço, offerecendo cabos que se acham em effectivo serviço. O sr. administrador do concelho com a petulancia inherente á sua prosapia, responde:—«Eu não lhe permitto substituições; ha de fazer o serviço e já; sáia sem perda de tempo.»

O sr. Frias com aquella bondade extrema, lá vae por um sol ardente conduzir o preso até Celaviza. Então é ou não um tyranete que o sr. conselheiro Neves e Sousa quer alli para flagellar os progressistas? E dizemos que o sr. conselheiro Neves e Sousa o quer alli, porque o sr. Frias participou em forma esta occorrencia a s. ex.ª e até hoje não consta que tenha providenciado reprimindo os desmandos e arbitrariedades do seu delegado em Goes, que obrigará então a que os opprimidos façam justiça por suas mãos.

Outra leviandade e abuso de poder do sr. administrador sempre reles. Tenta Alfredo Carneiro, da Varzea Grande, sair para o Brazil; como pertence á reserva, dirige-se ao sr. administrador para se habilitar a tirar passaporte. O sr. administrador com aquellas intrujices por todos conhecidas, começa a abrir e fechar livros, cita decretos e portarias e conclue depois de tanta leitura, que era necessario affiançar-se. Passados dias vae com sua mãe a Goes para esta prestar o termo de abonação que se fez e que custou bem bom dinheiro ao rapaz. Passados dias o sr. Alfredo vae de novo a Goes com o fim de receber os papeis. Mas o reles sabichão, o erudito e estudioso parvalheira, o sr. administrador emfim, responde-lhe que a fiança não devia prestar-se em Goes, mas em Coimbra perante o commandante da reserva!!! Quem indemnisa a parte pelas enormes despezas de secretaria e sellos que por culpa e ignorancia do sr. administrador se fizeram? Quem o indemnisa do transtorno de ter de addiar a sua viagem simplesmente por acreditar na parva prosapia do funccionario estouvado e vingativo?

Mas sabe v. sr. redactor, a causa de tudo isto; é que o sr. Alfredo Carneiro é progressista; e já era progressista seu venerando pae e todos os seus parentes mais proximos o são egualmente.

Mas ha mais. O nosso bom amigo e correligionario sr. José João Barata tem um filho, que nascendo em Lisboa, não foi recenseado para o exercito. Apresenta-se aquelle nosso amigo com seu filho ao sr. administrador para se habilitar com os documentos precisos a obter passaporte. Tudo correu muito bem até á declaração do nosso amigo, de que seu filho nunca fora recrutado, nem em Lisboa onde nascera, nem em Goes onde reside. O nosso funccionario exalta-se, faz citações espaventosas de leis, que é a sua mania, e finda por dizer ao nosso amigo que se retirasse com seu filho, porque o seu dever era prendel-o immediatamente. Além de que eu não lhe devo favores nenhuns, porque nunca quiz votar comnosco. Mas se na qualidade dos quarenta maiores contribuintes quizer votar comnosco hei de ver se tudo se arranja em termos do sr. conseguir o seu fim.

O sr. Barata, que não queria ferir a sua lealdade partidaria de tantos annos, votando sempre com o partido progressista, pediu tempo para pensar e responder. O que é porém certo é que o sr. administrador não foi sério, grave e verdadeiro como lhe cumpria, devendo estar habilitado para dizer a verdade ao nosso amigo e a seu filho. Bem sabia o reles que o mancebo não recrutado pode ser preso até á edade de trinta annos completos, e que passada essa edade não cabe nas attribuições administrativas a sua captura. Bem saberá o sr. administrador que não pode pedir votos, fazendo receiar ao eleitor algum damno; isto como particular, e como authoridade muito mais. Decreto de 30 de setembro de 1852 artiga 136 e lei de 21 de maio de 1884, artigo 40 § 1.º.

Por circumstancias que não vem para aqui, sabemos apenas que o filho do nosso amigo José João Barata não seguiu com seus parentes e visinhos a sua viagem para a Brazil. Indagaremos e fallaremos.

Mas ainda ha mais.

Ha poucos dias o sr. administrador do concelho induziu o escripturario de fazenda Torres Carneiro para effeituar um *sem effeito* em certa licença. O digno escrivão de fazenda quando deu pela audacia de um e atrevimento abusivo d'outro suspendeu o escripturario por oito dias. Sabendo o administrador da sua suspensão, responde com aquella cara, a unica entre nós: «não tem duvida, elle pagará tudo junto.»

Mas temos mais.

O das castanhas, quer-se dizer, o sr. administrador do concelho, tomou á sua conta a meza da confraria do Santissimo de Goes; não para fiscalisar os seus interesses, mas para tornar-se de todo o ponto desagradavel aos vogaes da meza, que são todos progressistas.

Quer-nos parecer que n'este ramo de serviço, orçamentos de confrarias, não tem o sr. conselheiro Neves e Sousa sido tão imparcial como parece, guiando-se apenas pelo facciosismo do seu delegado em Goes. Está a findar o mez de outubro e por conseguinte a epoca proxima de prestar suas contas aquella corporação. Por mais que a meza se tenha empenhado directa e indirectamente com o governo civil para arrancar d'alli o respectivo orçamento, não ha conseguil-o.

Pede se ao sr. governador civil que faça reenviar o orçamento de 92 a 93; envia-o effectivamente, mas cortando-lhe verbas de despezas obrigatorias, como a festividade da exposição do Santissimo que o respectivo estatuto manda fazer annualmente tendo para isso verbas de receitas a que os irmãos teem direito de ver applicar para aquelle fim, mas que o sr. conselheiro Neves e Sousa entendeu dever cortar, unicamente para satisfazer as indicações do seu delegado em Goes, embora visse que satisfazendo ao compromisso da irmandade, ficava ainda saldo para o anno seguinte.

O sr. conselheiro governador civil, que não podemos deixar de respeitar pelo seu nobre caracter de juiz integerrimo e zeloso, cujas tradicções o attestam, ainda illudido com a politica regeneradora de Goes e com o seu subordinado superior que ha de ser o primeiro a vendel-o ou a trahil-o por menos dos trinta dinheiros.

Seja como fôr, que o sr. governador civil seja ou não illudido o que lhe pedimos é que faça justiça, unicamente justiça, antepondo-a ás indicações da politica do sr. Manuel Ramos.

Não quererá de certo s. ex.ª que o seu nome, que conta sem favor uma tradicção honrosa, se desprestigie para sustentar uma politica com que s. ex.ª não poderá contar na hora suprema. Mande ou proponha s. ex.ª para Goes, um administrador da velha ou nova guarda regeneradora o mais leal e dedicado ao seu partido e que faça politica com a lei na mão, mas não queira, não consinta, não coadjuve um irrascivel, um petulante e um faccioso como é, porque não pode deixar de ser, o sr. Francisco Ignacio Dias Nogueira, actual administrador d'este concelho. Falla-se em que este *habil* funccionario collou *uns sellos servidos* em uma licença de porte d'armas concedida a um cidadão da Varzea Grande; sellos que tinham servido para outro, que se não effectuou de pessoa que reside n'esta villa.

Fallaremos ditidamente sobre este novo escandalo.

Falla-se aqui d'uma aproximação regeneradora d'este concelho aos nossos lares. Bem vinda seja. Se vier contricta, do que duvidamos, será tractada como hospede illustre. Mas é bom saberem que em nossa casa os hospedes, sejam quaes forem, hão de sujeitar-se ás leis e praxes da casa: d'outra forma não vingarão o seu proposito e plano, já ensaiado por diversas occasiões.

— No ultimo sabbado não houve sessão de camara: é que os assumptos a tractar, não obrigavam a jornada com chuva, os distinctos vereadores.

Está com a presidencia da camara o sr. José Francisco Mendes no impedimento do presidente, o nosso distincto amigo e correligionario o sr. commendador Marques.

— Acha-se doente na Figueira, o nosso particular amigo e prestimoso correligionario o ex.mo sr. Luiz Antonio Barata. Que tenha promptos allivios é o que sinceramente desejamos.

— Passou hontem para a Várzea a nova professora. Veio de Praçaes, da Pampilhosa e obteve a sua transferencia, para aquella freguezia, protegida por um cavalheiro muito chegado ao gabinete do sr. João Franco.

—

A' ultima hora. — E' aqui muito commentado o facto de terem desapparecido umas bellissimas pedras de cantaria que ladrilhavam a capella-mór. E' de crer que o sr. administrador, que deve saber pelo livro das actas das sessões da junta, o destino que tiveram, não fique mudo e quedo n'este negocio a despeito dos amargos de bocca do nosso reverendo prior.

— Está nomeado regedor d'esta freguezia o mestre sapateiro, vendeiro e musico, o sr. Alfredo Caracol. Parabens aos regeneradores de Goes, e ao proprio sr. conselheiro Neves e Sousa.

Desculpe-me sr. redactor de ser tão longa esta carta e creia-me com subida consideração e estima de v. etc.

O Xara.

CARTA DE VALLE DE BESTEIROS

10 DE OUTUBRO DE 1893.

Tem continuado a chuva mais ou menos torrencial e ante-hontem trovejou um pouco para os lados do Caramulo. O dia hoje apresenta-se com bom aspecto e é de esperar, que depois de tanta chuva e com a entrada da lua nova o tempo melhore por alguns dias.

— Como dissémos ha dias, os lavradores e proprietarios d'aqui, todos se queixam da falta de vinho e receiam que o preço não seja tão elevado, que lhes compense a pouca abundancia. O mesmo acontece com o azeite. Ha este anno muito pouco e talvez até não chegue para o consumo domestico. Dos outros generos agricolas ha producção regular, especialmente de batata, cebolas e castanhas. As hortaliças estão viçosas e os nabáes estão muito promettedores.

— Agora, o principal divertimento da rapaziada d'estes sitios, é a caça. E, apezar do máu tempo, apezar das lamas, não é raro ver alguns rapazes de arma ás costas, fazendo guerra aos coelhos e ás lebres, que, na verdade, aqui são muito saborosas e tenras. Nas horas vagas e á noite joga-se um pouco de bisca e de manilha e ás vezes este divertimento é interrompido pela presença de um prato de castanhas assadas, que os jogadores chamam á região tripórea em poucos momentos.

— No logar da Povoa de Rodrigo Alves falleceu na sexta-feira uma mulher que contava 99 annos e alguns mezes. Trabalhou sempre e até poucos dias antes de morrer conservou sempre as suas faculdades intellectuaes em bom estado.

— No domingo houve em Tondella a feira que em todos os segundos domingos do mez costuma fazer-se e que se chama ainda hoje *Feira do Betulho*, porque em tempos antigos fazia-se na povoação d'este nome. A concorrencia não foi grande. Não era de esperar outra coisa, attendendo ao máu tempo d'esse dia.

— Muitas familias d'estes sitios estão ainda nas Caldas da Felgueira e não poucas estão na Figueira, em Espinho e em outras praias. E' de crêr, que por todo este mez recolham a *Penates*.

— A neve já começa a incommodar-nos. A' noite, quando não chove, já vamos tendo essa *branca visita*.

— A camara de Tondella, apesar dos poucos meios de que póde dispôr, projecta alguns melhoramentos no seu concelho. Entre esses melhoramentos ha um de grande importancia e que é de primeira necessidade. Queremos-nos referir á estrada que deve ligar a cabeça do concelho com a freguezia de Mouraz e esta com a de Ferreirós. Estas freguezias, bem como outras do sul do mesmo concelho, não tem um palmo de estrada, apezar de não contribuirem menos que as outras para os rendimentos do municipio. Bom será que taes obras não fiquem em projecto. E' de crêr que não fiquem por que os actuaes vereadores são amantes do progresso e do bem estar dos povos, cujos destinos lhe estão confiados.

Por hoje nada mais. Até breve.

Z.

SECÇÃO LITTERARIA

CARTA AO MEU AMIGO ALCINO DE BARROS

(A PROPOSITO DAS MINHAS FEBRES INTERMITTENTES)

Perguntas-me o motivo enorme que deu causa
a que eu não respondesse, á volta do correio,
com longa carta minha á carta que me veio
de ti, no dia seis.... Permitte-me uma pausa.

Agora, que tomei um pouco de quinino,
vou pois narrar-te tudo antes que o frio me tome:
tive uma... uma, sim; não sei dizer-te o nome,
mas pinto-te o que foi n'este sonêto, Alcino.

*

Stá um homem valente e gôrdo e bem sádio:
começa por sentir um pêzo na cabeça,
um desconsôlo, um mal que todo o corpo int'ressa
e em breve o arripia um intenso calafrio.

Recolhe logo ao leito. E desesp'rado o frio
que sente; e nada existe assaz com que se aqueça:
acaba de tremer e a febre lhe começa;
e horas arde assim n'esse calor sombrio.

Declina a febre e logo immensa sudação
lhe banha o corpo e a roupa assaz copiosamente:
e algumas horas só que dura esta afflicção

um homem deixa fraco e magro e bem doente.
A medicina chama a *isto* uma sezão,
eu chamo lhe o... diabo a perseguir a gente.

*

Agora que já vês, Alcino, o atroz motivo
do meu silencio á carta amavel que mandaste:
supplica humilde ao ceu que do teu corpo afaste
intermittentes taes, com que eu de perto privo.

E eu creio que a sciencia erradamente applica
remédios para *isto*: *isto* não é doença:
é o inverno e o v'rão em contradança immensa
no corpo d'um christão, que em pelle e ósso fica!

E'. . mil demonios dando um sôpro em neve feito,
e outros mil um sôpro em fôgo atroz formado:
e um mártyr que se cobre e treme sobre o leito,
e logo se descóbre e fica em lúme e... a nádo!!

Vagos—1893.

A. A. de Lima Duque.

BIBLIOGRAPHIA

Bohemia Lyrica.—E' o titulo d'um pequenino livro côr de rosa, todo côr de rosa, com as suaves emanações da flor, com os candidos perfumes que a envolvem, com toda a poesia de que se veste, tal qual a natureza a produz, surgindo do calix de velludo n'uma manhã de estio, embalada nos sopros da viração, com canticos e gorgeios, engrinaldada de musgos, desdobrando-se na ondulação serena das brisas primaveris, sorrindo á paizagem esfumada no azul, onde o sol põe tons de luz brilhante e meiga, ao erguer-se do seu leito de rendas brancas e douradas.

Tem, como a flor, sorrisos e alegrias, todos de côr de rosa, purpureados de azul, perpassando nas suas paginas, sentidas por um coração de pae amantissimo, como nas folhas da flor quando agonisa, á tarde, no occaso do sol que se mergulha no mar, a nota triste d'uma saudade immensa, da vida que se lhe foi n'um pedaço da alma arrancada ás caricias d'um amor intenso, com canticos e gorgeios, com toda a poesia de que se veste um amor purissimo, surgindo d'um calix de velludo n'uma manhã de estio.

E' isto o livro do sr. Adolpho Portella, um prosador distincto, e um poeta de raça, que canta os ninhos e as flores, o ceu vazio de estrellas e o espaço cheio de luz, o amor e a vida, o infortuneo e a paz, a esperança e o desengano, as illusões da juventude e o despertar cruel da realidade, sempre n'um estylo finissimo de escriptor moderno, todo seu, onde ha sorrisos e alegrias, todos de côr de rosa purpureados de azul, onde perpassa a nota triste d'uma saudade immensa, n'essas *baladas de hoje*, verdadeiras preciosidades artisticas, como *bouquets* de violetas que elle emoitou no jardim do seu coração de pae amantissimo, para desfolhar aos pés das filhas mortas, da vida que lhe fugiu n'um pedaço da alma arrancada ás caricias d'um amor intenso.

Agradecemos penhorados a preciosa offerta, que vae ter na nossa estante o logar de honra que lhe está reservado.

O Primeiro livro das crianças.—A já excellente collecção de obras que os srs. Guillard, Aillaud & C.ª teem editado com applicação á infancia, acaba de ser enriquecida com um novo livro cuja utilidade é tal que não hesitamos em o recommendar a todos os que precisem ministrar ás crianças proveitoso ensinamento, facultando-lhes os primeiros rudimentos de leitura corrente, dispostos de fórma que se adquirem salutares noções moraes a par de um gradual aperfeiçoamento.

Essa obra tem o titulo que encima esta local e é devida á escriptora franceza Clarisse de Juranville, cujas numerosas producções classicas teem obtido justificado successo.

O texto, constituido por historietas Moraes e lições de coisas, é escripto de fórma que a principio as crianças encontram as syllabas das palavras separadas, o que facilita a leitura, e acompanhado por bellas vinhetas, ao todo 160, no volume que conta 171 paginas, que recreiam a vista e deleitam o espirito.

O custo do *Primeiro livro das crianças* é de 300 réis, cartonado, em todas as livrarias em casa dos editores, rua Aurea n.º 242, 1.º, Lisboa.

A Viuva Milionaria.—O formosissimo romance de Emile Richebourg, de que estão fazendo uma bella edição os infatigaveis editores lisbonenses, sr. Belem & C.ª, tem tido um acolhimento extraordinario, e merece-o na verdade. Cada fasciculo que vae sendo distribuido vae atrahindo e despertando cada vez maior attenção, porque o entrecho, a forma de escripta, tudo n'elle concorre para lhe dar um merecimento na verdade grande. A casa editora, na rua do Marechal Saldanha, offerece a todos os assignantes d'esta magnifica obra um brinde lindissimo, como é a vista geral da Praça de D. Pedro em Lisboa.

Maria d'Obrilens.—Temos ha tempo sobre a nossa carteira de redacção, entre outros livros de valor, mas sobresaindo a todos pelos primores de litteratura, pelo escolhido do assumpto e ainda pela belleza da parte material, a obra a que um illustrado e considerado escriptor portoense, o sr. Alfredo Alves, deu o titulo que nos serve de epigraphe.

As apreciações que ouviramos fazer-lhe já, o nome do seu auctor e o que dos seus escriptos nos tinham dito ha pouco ainda, levaram-nos a consagrar-lhe todos os momentos que podémos furtar aos nossos afazeres de cada hora, e a impressão que nos deixou a sua leitura, a vêr n'esta formosa publicação um livro de inapreciavel valor, de rara estimação, e no seu auctor um talento cheio de vida, uma imaginação exuberante, que vibra ao influxo de todos as ideias generosas e elevadas, uma vasta illustração e uma intelligencia possante e vigorosa, que produz obras d'este folego e que se evidencia por este modo.

Na sua recente visita a esta cidade, e conversando comnosco sobre a litteratura portugueza e os seus melhores cultores, apresentou-nos o erudito escriptor hespanhol, D. Fernando de Antón, o auctor da *Maria d'Obrilens* como um poeta distincto e um esclarecido prosador, que na verdade é. Nós conheciamos já por umas finissimas composições lyricas, publicadas aqui e alli, avulsas, em alguns jornaes que se esmeram na escolha de versos bons, o nome do sr. Alfredo Alves, e formaramos por ellas a nossa opinião sobre os seus merecimentos litterarios, sobre os seus conhecimentos profundos, e sobre a sua capacidade intellectual. D. Fernando d'Antón pintou-nos a obra do auctor da *Maria d'Obrilens* com a rara pericia d'um chiniz, dando-lhe as côres distinctas d'uma paltета apurada, e as nossas remeniscencias completavam o quadro.

A preciosa offerta d'este livro, que vae já na sua 2.ª edição—e n'isto está o seu melhor elogio—veio corroborar as affirmações do eminente sabio hespanhol, e o conceito em que tinhamos já o sr. Alfredo Alves.

De facto, o livro *Maria d'Obrilens* tem todo o encanto que prende, todo o poder de imaginação que captiva, e toda a poesia inspiradora que nos commove e nos impressiona. Lê-se com agrado, e não se descança emquanto se não termina. Foi o que nos succedeu. A par da sensibilidade que se destaca em todas aquellas paginas de primorosa litteratura, ha n'esse mimoso escripto toda a poesia d'uma alma apaixonada e crente, onde se revella um fino temperamento de artista e uma originalidade sonora e vibrante.

Agradecemos penhorados a mimosa offerta do consciencioso e illustrado escriptor, e felicitamol-o cordealissimamente pela producção, que seria bastante para lhe firmar o nome se o não houvesse conquistado já por outros e não menos valiosos trabalhos litterarios.

ANNUNCIOS

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA
Rua da Vera-Cruz
AVEIRO

---

do 1838, e para a fazer observar, apparecia á testa da restauração da carta do 1826, marchando do Porto sobre Lisboa. Como cartista o marechal abençoou o acontecimento; como homem leal condemnou o ministro que escarnecia assim á face de Deus e do mundo dos juramentos mais sagrados, dos laços da amisade, e da confiança, que devia ás instituições, ao throno, e aos seus collegas.

E' de 27 de janeiro de 1842, que data a supremacia papal do conde de Thomar como cartista. D'alli data tambem a absorpção lenta mais completa hoje de tudo e de todos pela familia Cabral promovida com nepotismo censuravel aos melhores lugares do estado.

Muitos dos mais distinctos talentos, indignados da maneira pouco leal, porque a restauração da carta se operára, separaram-se, causando uma scisão a todos os respeitos lamentavel no seio do partido cartista. O caracter do ministro omnipotente, a rusticidade da familia encyclopedica e absoluta, e a reação violenta, em que se constituiu para assoberbar e emmudecer os descontentes, tudo isto foi por tracto successivo alienando auxiliares importantes ao partido cartista, engrossando as forças da antiga opposição setembrista, e incutindo no espirito publico a aversão e o despreso de taes governantes.

Hoje póde-se quasi olhar a familia Cabral como um grupo isolado no meio do paiz, rodeado de alguns sectarios famelicos ou desesperados, e obedecido por caracteres timidos ou irresolutos que sacrificam ao terror das demissões os votos da intelligencia revoltada. Nada mais. O grande numero, que formava a força e a influencia do partido conservador ou resiste legalmente, ou chora, arredado, a exautoração solemne que o fazem soffrer, tolerando semelhante jugo.

Ausente da patria desde 1840 o marechal, ferido no coração pelo maior golpe que em toda a sua vida recebeu, entrava a 23 de julho de 1846 a barra de Lisboa, a bordo do paquete inglez *Pachá*: vinha achar as consequencias da politica hostil, exclusiva, accusada de improba, culpada de sanguinaria, que o conde de Thomar tinha inaugurado. Uma

---

revolução popular, rebentando a principio nos casaes e aldêas do Minho tinha crescido até ás villas e cidades, e ramificando-se, obrigára o lugar-tenente da rainha no Porto a retirar-se, deixando promessas de paz, e o duque da Terceira em Lisboa a declarar, que não se podia contar com o exercito para fuzilar o paiz armado em massa. Nestes dias a sedição percorreu as ruas da capital; estendeu-se pelo reino; e as juntas populares formaram-se, tendo a sua frente as proprias authoridades militares e administrativas do governo.

O conde de Thomar e seu irmão fugiram, deixando expostos a todos os que os tinham seguido. Salvaram-se do perigo em terra estranha sem lhes importar nem a sorte dos amigos compromettidos por elles, nem a causa da carta e da dynastia, de que se inculcavam extremos defensores. Por calculo tinham annullado os talentos ou alienado os caracteres imminentes; julgando-se eternos não tinham querido preparar successores; e no dia da catastrophe no meio do naufragio ninguem havia assaz notavel para tomar o leme, e dirigir a manobra! O egoismo da familia prepotente preferira sepultar o partido e as instituições na sua queda á possibilidade de ceder as pastas, e de vêr no governo outros representantes das idéas moderadas. E' o que ainda hoje ousa tentar!

Quando o duque saltou em terra a indignação contra os chefes tão esquecidos do dever era geral entre os cartistas; a sua fuga diante do perigo; a sua indifferença pela sorte de tantos homens compromettidos; a desentranhada ambição e a cegueira orgulhosa com que se tinham precipitado, levantava em todos um grito de geral reprovação. O desastre fôra completo; e os perigos da situação tão grandes eram no presente, e tão vastos no futuro, que os vencedores vacillavam diante d'elles. Para asserenar a tempestade em um reino por indole pacifico, mas por isso mesmo torrivel na lucta, quem poderia contar com bastante influencia!

Foi n'estas circumstancias que passaram os acontecimentos que o marechal já teve occasião de relatar na «curtissima exposição» e que o collocaram na presidencia da administração formada em 6 de outubro. Os principios que en-

---

Os declamadores, que de ordem da policia divulgam, que o duque só vinga ambições e offensas pessoaes, não tem culpa do que repetem, não sabem o que dizem. São eccos, nada mais. O duque não carece de ser ministro para se vêr rodeado de numerosos amigos e viver satisfeito. Como nunca negociou com os despachos, nem soube o segredo de improvisar fortunas, as pastas para nada mais lhe prestam do que para lhe atribular o espirito. Serviu, quando entendeu que devia servir, e não pelo gosto de ser ministro, ou para grangear vantagens, sobrepticiamente. Para refutar qualquer difamador da sua honra, não precisa abrir a bocca, basta-lhe abrir as portas de casa, e mostrar que se é mais feliz tendo menos que a mediocridade, do que, com o luxo e opulencia amaldiçoadas por uma nação, e flagelladas com o ferrete de accusações infamantes.

Eis-aqui a verdade. Não é esta a primeira vez, que o infortunio visita o duque de Saldanha, e que o acha firmo. Costumado ás privações do campo e do exilio, sabe afazer-se a todas as circumstancias, e tirar gloria d'ellas. A causa da sua opposição sobe mais alto, deriva-se de principios e doutrinas, que não se inspiram do interesse pessoal ou de paixões individuaes. Expô-los-ha para confundir a calumnia e para mostrar que n'esta campanha civica obedece á mesma lealdade, que dirigiu sempre os seus actos.

A carreira do marechal tem sido longa, e sem orgulho póde accrescentar que não tem sido esteril. Desde o dia 6 de junho de 1826, em que proclamou a carta na heroica cidade do Porto (depois de ter dirigido ao imperador uma supplica para que a outhorgasse) desde esse dia até ao de hoje, a sua vida dedicou-se unicamente a sustentar o codigo de D. Pedro e a dynastia constitucional. Com que direito affirmam, pois, os diffamadores a existencia de pactos ou relações não menos deshonrosas para o duque, do que para os adversarios politicos!

Por conciliar a generosidade com os severos deveres do governo ou do commando, nunca o marechal desceu ás concessões que aviltam o poder, ou ás transacções, que falseam

---

O infortunio acha-o sempre preparado, porque de longo tempo se habituou a conhece-lo, e na escóla da adversidade aprendeu a preferir a pobresa honrada para deixar como unico patrimonio a seus filhos, aos palacios, castellos e quintas adquiridas sem explicação plausivel, no meio da execração publica e do despreso geral. Depois de servir os mais elevados empregos o marechal gloria se de ser pobre; e não inveja a ninguem a triste vantagem de fortunas, que só podem ser improvisadas pelo condão magico das *Mil e uma Noites*.

O conde de Thomar appellou mal, por tanto. O duque não se rende á penuria como não se rende ás invenções difamatorias de agentes venaes. Sabe soffrer a primeira e despresa as segundas. Tranquillo procura a sua estrada á luz da razão e do dever, sem mesmo olhar para o pantano onde a omnipotencia do acaso entumece as rãs, e faz idolos lodozos, do que ha mais pequeno e ridiculo no mundo.

A historia do principe da Paz, no que tem de semelhante e guardadas as differenças, é um exemplo vivo para estas elevações milagrosas e balofas. Quem não é da raça dos grandes homens de Plutharco passa um instante na scena para se sumir ao som das apupadas; o *nada* volta ao *nada*, e só fica d'elle memoria como de um flagello suscitado para castigo dos povos pela providencia, que nos seus designios imprescrutaveis sabe servir-se dos meios mais humildes para obter os fins mais sublimes.

O duque de Saldanha é accusado pelo conde de Thomar de defecção ás idêas cartistas. Desta vez o Scylla rancoroso de tantos caracteres distinctos, que precipitou mais a imprudencia, do que a versatibilidade, errou o golpe e a estrategia. O marechal está onde sempre estevo; mas quer por um instante condescender a comparar se com o sr. Costa Cabral em devoção e lealdade politica. Acceita a luva, e não se recusa ao paralello. Se elle fôr doloroso para alguem, queixe-se de si o provocador: a sua vaidade irritavel é que desafiou a legitima defesa.

Como soldado o marechal jura com a mão sobre a consciencia, que desde a gigantesca lucta peninsular até ás teme-

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições espéciaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaese-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.^{mos} medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODÃO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), io do formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA , , , , 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala e, por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

EXTRACTO COMPOSTO DE
Salsaparrilha de Ayer.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

JEYÉS'
PERFEITO PURIFICANTE
MARCA REGISTRADA

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar*, da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas*, que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

AI BONITO CAVALLO

VENDE-SE um cavallo, de mais da marca de quatro para 5 annos, para cavallaria, podendo servir tambem para carro. N'esta redacção se diz com quem se trata e onde pode ser visto.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas eletricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, porta-vozes, etc.

Observam-se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal—AVEIRO.

CAL

FORNECE-SE para qualquer parte em grandes e pequenas quantidades. Preços sem competencia.

Pedidos a Manuel Q. Valente.

CANTANHEDE — SEPINS.

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

UMA COCHEIRA NO COJO

Trata-se com suas donas em Estarreja.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.^{mos} srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—
Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

(*)

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

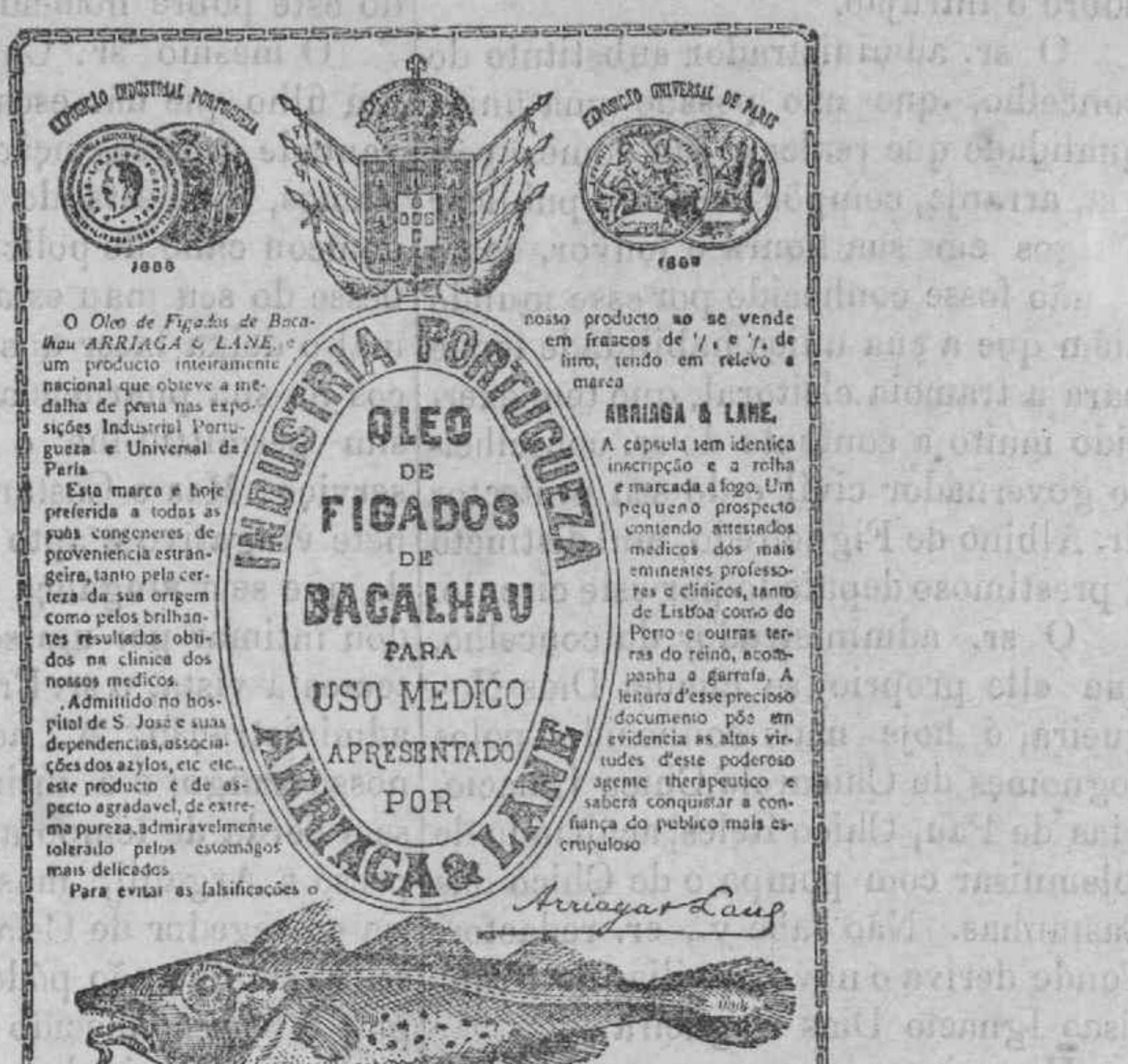
Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.



EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA 1888

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS 1889

INDUSTRIA PORTUGUEZA

OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU PARA USO MEDICO APRESENTADO POR ARRIAGA & LANE

O *Oleo de Figados de Bacalhau ARRIAGA & LANE*, é um producto inteiramente nacional que obteve a medalha de prata nas exposições Industrial Portugueza e Universal de Paris.

Esta marca é hoje preferida a todas as suas congeneres de proveniencia estrangeira, tanto pela certeza da sua origem como pelos brilhantes resultados obtidos na clinica dos nossos medicos.

Admittido no hospital de S. José e suas dependencias, associações dos azylos, etc etc., este producto é de aspecto agradavel, de extrema pureza, admiravelmente tolerado pelos estomagos mais delicados.

Para evitar as falsificações o nosso producto só se vende em frascos de ½, e ¼, de litro, tendo em relevo a marca

ARRIAGA & LANE.

A capsula tem identica inscripção e a rolha e marcada a fogo. Um pequeno prospecto contendo attestados medicos dos mais eminentes professores e clinicos, tanto de Lisboa como do Porto e outras terras do reino, acompanha a garrafa. A leitura d'esse precioso documento põe em evidencia as altas virtudes d'este poderoso agente therapeutico e saberá conquistar a confiança do publico mais escrupuloso

Arriaga & Lane

Deposito em Lisboa – Rua dos Bacalhoeiros, 135, 1.º
No Porto – 72, Passeio Manuel, 76

BIBLIA SAGRADA-ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assignatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA-ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.º—PORTO

E NAS LIVRARIAS

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração, Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

---

rarias campanhas da restauração, em todos os campos de batalha onde se pelejou a independencia ou a liberdade da nação, prestou a estes sagrados grincipios o testemunho da sua espada e do seu sangue. Pódo sem receio invocar a memoria dos seus companheiros d'armas; elles que digam se João Carlos de Saldanha soube nunca hesitar entre o perigo e o dever, entre o seu convencimento e o sacrificio. Nas amarguras do exilio, ou nos combates da guerra do Porto, elles que attestem se o duque violou já mais o seu juramento de amor e lealdade ao throno e á carta constitucional.

Em 1836 recusava adherir á revolução de setembro para ter o direito de a combater, em quanto os paladinos de hoje renegavam a carta na praça publica, ajoelhando aos tribunos victoriosos. O conde de Thomar, que ainda então se chamava só Costa Cabral, havia de ouvi-lo dizer, quem sabe! aconselharia talvez mesmo algumas d'aquellas suaves violencias, que lhe mereceram a popularidade dos clubs omnipotentes durante certo tempo. Mais liberal do que os liberaes da situação, s. ex.ª n'essa epocha só meditava na maneira de eliminar pela perseguição o partido cartista, do qual desertára, segundo se diz, desde a ilha de S. Miguel.

Em 1837 o marechal unido ao nobre duque da Terceira levantou a bandeira da carta, e achava em muitos officiaes os corajosos auxiliares de que necessitava para a sua empresa. A sorte das armas, depois do encontro do Chão da Feira, foi infiel á divisão do norte, em Ruivães, estando os marechaes em Chaves, e os ultimos defensores da carta, embainhando as espadas, passaram a fronteira e voltaram ao exilio, satisfeitos de si e sem temor do futuro.

Aonde estava então o conde de Thomar, o cartista por excellencia? Agitava no congresso as paixões; instigava nas authoridades a adopção de rigores inconstitucionaes, e conseguiu emfim na qualidade de commissario parlamentar junto ao general do governo, a missão deploravel de ir engatilhar as espingardas contra os marechaes, e de fazer derramar um sangue precioso, que sem elle é provavel que não corresse.

Em 1838, tomado de subito amor á ordem, o agitador

O duque de Saldanha deve toda a verdade á nação. Quando em 1847 por occasião das eleições se prestou a não impedir a união do partido cartista, estava longe de prover que as consequencias fossem tão extensas, e que as intrigas do conde de Thomar se dirigissem á restauração do predominio da sua familia. Suppunha que os factos e a reflexão penetrariam no desterro do ministro vencido em 1846, e que o tracto das nações civilisadas adoçaria a natureza agreste dos antigos proconsules de 1845.

Chegou até a acreditar, que uma ambição mais nobre que a voracidade do mando os emendaria; e que agradecidos de voltarem á patria e ás honras, que tinham perdido, acceitariam as cousas e os tempos como os factos os criavam, e a prudencia es mandavam acceitar. Não lhe passava pela mente ao marechal, que o sr. Corta Cabral, ainda contuso da sua tremenda quéda de maio, ousasse dar batalha ao Altissimo, zombando da experiencia, dos perigos da monarchia, e das profundas repugnancias do paiz.

Firme n'estas razões, o marechal deu pouco credito aos conselhos de amigos leaes, que lhe recordavam as repetidas contrafacções politicas do conde de Thomar. Esta foi a sua maior culpa. Não se acautellar, não se prevenir contra as ciladas, que lhe urdia! Hoje que apalpa com os dedos a hypocrisia e o dolo da supposta união, hoje que vê, que sem o querer, serviu só de auxiliar á restauração do homem, cuja presença no poder resume aos olhos do paiz todas as provocações imaginaveis; hoje, o duque deplora tanto excesso de credulidade, e não duvida accusar-se d'elle em alta voz.

Só lhe resta a satisfação, de que errando como politico, até ao fim se comportou como cavalheiro; resta-lhe o prazer de ter sido dos primeiros a hostilisar o conde usando da resistencia legal; e dos primeiros tambem a padecer como victima pela religião da honra e da liberdade. As perseguições. de que está sendo alvo, são a merecida expiação da sua facilidade. Acreditando, que em certos animos caberia outra cousa que não fosse a sordida adoração do egoismo, acreditou no impossivel, e fez uma injuria á justa previsão do paiz.

---

cerra a proclamação dessa data, eram n'esse dia os principios de todos; a exclusão que ella declarava, exprimia a repugnancia dos defensores da ordem a respeito dos homens, que por uma serie de prepotencias e de erros tinham provocado a mais terrivel explosão. Se a guerra civil não rebentasse é de suppôr, que o conde de Thomar a esta hora estaria tão longe do poder, como estava em 6 de outubro.

De certo, o nome do conde de Thomar e de seu irmão, foram não só o pretexto, mas o verdadeiro motivo da maior resistencia, que encontrou a resolução de 6 de outubro. Muitos dos valentes officiaes do exercito da rainha não terão esquecido ainda a antipathia e o terror, que excitava nas populações, por onde atravessaram, a ideia de que os dous chefes fugidos em maio, voltariam para governar o paiz. Todos estavam promptos a obedecer, todos anciavam a paz, mas todos tremiam de que ella lhes renovasse o estado, de que os libertára a revolução. Queiram ser sinceros os homens publicos, que então serviram ao norte e ao sul do reino, e o seu testemunho confirmará a verdade, do que o duque e os generaes ouviram da bocca dos cavalheiros, e dos mais humildes do povo nas provincias.

Sem esta repugnancia profunda, sem este odio «arreigado á politica symbolisada no appellido de Cabral» a guerra tinha-se acabado em Torres Vedras, dado que houvesse tomado tanto incremento. O que a fez durar, o que depois de successivas derrotas engrossava as fileiras da junta do Porto e retemperava a resistencia, foi sempre a idéa, a previsão, de que mais cedo ou mais tarde, aproveitando a opportunidade, o conde de Thomar e seu irmão haviam de tornar a apoderar-se do governo, vexando e opprimindo como antes da sua quéda tão estrondosa.

A experiencia provou que eram fundados os receios publicos. Estes homens nada esquecem e nada aprendem. Vencidos apesar dos furores da reacção, e da lei de sangue de abril de 1846, ainda se atreveram a reproduzir o mesmo systema, correndo para outro precipicio talvez maior que o primeiro. Deus salve a rainha e a monarchia!

---

de 1836 e o commissario de 1837, convertia-se ao receber a nomeação de administrador geral, e virava as costas aos seus adeptos. O sangue espargido no Rocio e ruas adjacentes accusa-o, segundo exclamam os seus antigos alliados, de os ter trahido da vespora para os entregar á ruina. Em todo o caso, e seja qual fôr a verdade, o sr. Costa Cabral, n'esse dia deu bem sanguinolentos refens da sua adhesão á ordem e aos principios monarchicos. Mais de um ambicioso sem grandes escrupulos teria recuado aonde s. ex.ª avançou.

O congresso constituinte não tinha insistido na exauctoração dos marechaes; depois da victoria portou-se com certa generosidade. Nesse tempo ainda os serviços valiam, e havia pudor para não punir a lealdade e a consciencia, nos homens cujos crimes consistiam em não se curvarem ao successo. O que então não fizeram os denominados demagogos pratica-o hoje o conde de Thomar com o duque de Saldanha, despojando-o de quanto lhe podia arrancar uma vingança tão pequena e tão demente, que nem calculou que mais feria em si, do que feria o adversario.

Em 1839 o conde de Thomar obtinha emfim o suspirado premio dos seus *variados* esforços; na administração de 26 de novembro, tanto elle como o conde de Bomfim eram os representantes da parte moderada do partido setembrista. Ao odio e á colera com que o aggrediam deveu mais do que á sua capacidade, a confiança dos conservadores, que mal seguros ainda, viam n'elle um instrumento facil, e na sua frenetica irritabilidade uma energia preciosa para qualquer lance de mão, e para a resistencia contra as paixões populares. Amouco da propria ambição e escravo de seu interesse pessoal, o conde de Thomar não era homem para se deter com escrupulos de dever e delicadesa, nem com obrigações e juramentos. Cubiçava a posição principal no governo e para a alcançar estava disposto a tudo. Os factos provaram que os que tanto contavam com elle não se enganavam.

Pela primeira vez, um exemplo sem precedentes era dado á Europa civilisada pelo reino de Portugal. O ministro da justiça Costa Cabral, nomeado para executar a constituição